



**UFBA - UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS POLÍTICAS  
BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE**

**IRAILDES ELISIA ANDRADE NASCIMENTO**

**DOIS OLHARES SOBRE A MULHER NEGRA:  
Interconexões entre Racismo e Sexismo em obras literárias**

Salvador/BA  
2015

**IRAILDES ELISIA ANDRADE NASCIMENTO**

**DOIS OLHARES SOBRE A MULHER NEGRA:  
Interconexões entre Racismo e Sexismo em obras literárias**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Estudos de Gênero e Diversidade da UFBA - Universidade Federal da Bahia.

Orientadora:  
Dra. Marcia Macedo

Salvador/BA  
2015

IRAILDES ELISIA ANDRADE NASCIMENTO

**DOIS OLHARES SOBRE A MULHER NEGRA:  
Interconexões entre Racismo e Sexismo em obras literárias**

Trabalho de conclusão apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel, no curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da IES UFBA - Universidade Federal da Bahia, sob apreciação da seguinte Banca Examinadora:

Aprovado em      de abril de 2015

---

Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Caroline Barreto de Lima  
Mestra em Desenho, Cultura e Interatividade pela Universidade Estadual de Feira de Santana  
Docente UFBA - Universidade Federal da Bahia

---

Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup>. Silvana Santos Bispo  
Mestra Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos  
UFBA - Universidade Federal da Bahia

Dedico este trabalho a todas as mulheres negras ativistas ou não, as quais me levaram a este objeto de estudo, espero ter dado início às discussões de nossas verdades privadas.

## AGRADECIMENTOS

São Tantos e tão especiais...

Aos Orixás. Oxalá e Oxum que regem minha cabeça; a Oxossi, o Orixá que me escolheu como sua Ekede e me mostrou o Candomblé...

Aos meus filhos Bruno e Gustavo – uma tentativa de compreendê-los.

Às minhas netas Maria Clara e Luisa Estrela, noras, sobrinhas e sobrinhos e minha irmã Iara Andrade pelo carinho e compreensão quando muitas vezes não participei das reuniões de família.

A Christian, pelo presente de um netbook e muitas xerox quando precisei.

A Márcia Macedo, orientadora querida, amiga, muitas vezes mãe, grata pela atenção, compreensão com meus momentos de extrema tristeza e, acima de tudo, ter sido minha mestra.

Ao meu Babalorixá Pecê de Oxumarê e a Casa de Oxumarê e a todas as minhas irmãs e irmãos da minha casa de Candomblé.

Ao irmão, amigo e co-Orientador André Santos, pelos toques madrugadas afora, pela parceria na construção do meu projeto e pelas palavras sempre de incentivo.

A Marcos Rezende pelo incentivo quando iniciei minha primeira graduação e ao Coletivo de Entidades Negras e todas as pessoas que dele participam, muito obrigada.

Ao NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher e a todas as docentes e discentes do Curso Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, a minha amada turma de 2010 e em especial Paulo Goethe, nosso cotista e Alane Araujo, minha irmã, grata...

A minha Diva Carol Barreto pelas dicas e respeito sempre dispensados.

Ao amigo Alex Ratts pelo carinho e pela indicação de uma das literaturas.

As/os amigas/os de militância negra grata pelos toques e pelas conversas.

Algumas pessoas me deixaram durante a construção deste trabalho e não posso deixar aqui de agradecer a elas/es aonde quer que estejam.

A Isabel Cristina, minha irmã, minha amiga, minha comadre a quem eu dedico este trabalho.

A Jorge de Oxossi, a quem o Orixá usou o corpo para me conduzir a esta religião.

Ao amigo, quase filho, irmão, companheiro Jarbas Hernandes, aonde estiver siga em paz.

A meu tio Erenilton Bispo dos Santos que me ensinou a importância de nós negras/os preservarmos a Cultura Negra e a amar a Religião de Matriz Africana.

Aos Ogans Nilton Bruno e Ferreira, descansem em paz.

*"A utopia que perseguimos hoje consiste em buscar um atalho entre uma negritude redutora da dimensão humana e a universalidade ocidental hegemônica que anula a diversidade. Ser negro sem ser somente negro, ser mulher sem ser somente mulher, ser mulher negra sem ser somente mulher negra. Realizar a igualdade de direitos e tornar-se um ser humano pleno e preche de possibilidades e oportunidades para além da condição de raça e gênero é o sentido final dessa luta." (Sueli Carneiro)*

## RESUMO

Este trabalho monográfico investiga, em duas obras literárias – Preto e branco: a importância da cor da pele, de autoria de Marco Frenette, Falcão: Mulheres e o tráfico, de autoria de MV Bill e Celso Athayde –, as interconexões entre racismo e sexismo, na tentativa de entender, dentro de uma perspectiva de gênero e raça, como “discursos masculinos” enxergam as mulheres negras. O argumento central se baseia na teoria do pensamento feminista negro, que tem como princípio a compreensão e simultânea transformação das vidas de mulheres negras, através do entendimento da multiplicidade de opressões e dominações por elas vivenciadas. Para análise das obras e, conseqüentemente, para identificação da ocorrência da produção de discursos racistas e sexistas nas referidas publicações, adoto a metodologia ADC – Análise do Discurso Crítica, mesmo entendendo a impossibilidade de trabalhá-la com as minúcias requerida pela mesma. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca analisar de que forma as representações produzidas sobre as mulheres negras em duas obras literárias de autoria masculina dialogam com os discursos produzidos pelas interconexões entre desigualdades de classe, racismo e sexismo na ratificação de um olhar que comporta a objetificação e a desvalorização das mulheres negras na sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Racismo. Sexismo. Pensamento Feminista Negro. Mulheres Negras. Interseccionalidades.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC:	Análise de Conteúdo
AD:	Análise de Discurso
ADC:	Análise de Discurso Crítica
CEN:	Coletivo de Entidades Negras
BEGD:	Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade
CCN:	Cidadania e Consciência Negra
CUFA:	Central Única de Favelas
NEIM:	Núcleo de Estudos Interdisciplinar da Mulher
ONG:	Organização Não Governamental
SEPPIR:	Secretaria de Políticas para Igualdade Racial
UPP:	Unidade de Polícia Pacificadora

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1 RACISMO E SEXISMO SOBRE O OLHAR INTERSECCIONAL .....	18
2 O OLHAR DO HOMEM BRANCO SOBRE A MULHER NEGRA - ANÁLISE DA OBRA: PRETO E BRANCO: A IMPORTÂNCIA DA COR DA PELE .....	31
2.1 A AVENTURA DO HOMEM BRANCO - ANÁLISE DO CAPITULO.....	39
3 O QUE A OBRA “FALCÃO: MULHERES E O TRÁFICO” TEM A NOS DIZER SOBRE RACISMO E SEXISMO .....	46
3.1 O QUE OS AUTORES TÊM A NOS DIZER SOBRE EVA E UM MEIO “ALTERNATIVO” DE SOBREVIVÊNCIA.....	52
4 DOIS OLHARES E UMA MESMA LÓGICA.....	60
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	74
REFERÊNCIAS.....	82

## INTRODUÇÃO

Aos 17 anos de idade quando cheguei ao Colégio Edgard Santos, localizado no bairro do Garcia, no ano de 1981, tive a oportunidade de viver toda a efervescência dos anos 80 com minhas/meus colegas - hoje, como eu, algumas/uns ativistas da causa negra - que me ensinaram o que era ser uma mulher negra em Salvador: ter sempre autoestima elevada e nunca permitir que ninguém, (ninguém!), colocasse novamente o jugo no meu pescoço. Nunca deixei esta luta. Sigo no mesmo embate em todos os lugares que habito e circulo: na sala de aula, nas mesas com amigos, no escritório e, sobretudo quando estou na minha casa ou no meu terreiro de candomblé, pois em todos eles sou a ativista negra. Nestes momentos, quase sempre, me lembro de um trecho de Sueli Carneiro (2003, p.57), “alcançar a igualdade de direitos é converter-se em um ser humano pleno e cheio de possibilidades e oportunidades para além de sua condição de raça e de gênero. Esse é o sentido final dessa luta”. Essa é a luta de toda/o ativista: alcançar a igualdade de direitos para todas/os negras/os, pois sem essa possibilidade, a luta histórica do movimento social negro seria em vão; seria em vão à luta de Zumbi, de Dandara, Aqualtune, Lucas Dantas e tantas/os outras/os heroínas e heróis que nos inspiram até os dias atuais.

Se levarmos em conta que a valorização da/o negra/o no Estado da Bahia tem se dado a partir e através da estética das expressões corporais, do status de ser negro, da luta constante no combate ao racismo e a todas as formas de discriminação, considero que a questão das representações sobre a mulher negra necessita cada vez mais ser pautada, inclusive porque ainda não foram alteradas as condições apontadas acima pela autora Sueli Carneiro, estamos ainda longe da igualdade de oportunidades para todas/os independente de raça, classe social ou gênero.

Pensar essas representações da mulher negra talvez seja um norte capaz de nos ajudar a compreender o porquê de um ciclo negativo de relações afetivo-sexuais, que de nada contribuem para romper com o ódio e a humilhação que o racismo nos impõe todos os dias.

Sendo eu, uma mulher negra e ativista de movimento negro, inquietava-me ouvir os relatos e as confissões de companheiras que discutiam suas relações afetivo-sexuais e ao mesmo tempo, presenciar, por muitas vezes, as falas sexistas

trazidas por alguns ativistas negros. Resolvi então, me lançar nessa direção de pesquisa, sobretudo, pela necessidade e interesse em ver essas questões pautadas e transformadas. Nessa direção, a proposta por mim abraçada acabou sendo a de analisar tais falas masculinas, através de obras literárias escritas por homens, visando confrontar, nesses discursos, as interconexões entre racismo e o sexismo contidas nos referidos textos.

Analisar obras literárias é um campo novo, diante do qual resolvi utilizar-me apenas de alguns elementos centrais da ADC - Análise do Discurso Crítica, porém sem o aprofundamento que a metodologia exige, e desta forma posso me debruçar sobre o debate proposto neste trabalho.

A técnica ADC é um campo metodológico encantador que se consolidou no início da década dos anos 90, mais precisamente em 1991, quando aconteceu importante simpósio em Amsterdã com a presença dos seus estudiosos seminais, dentre os quais se destacam: Tem Van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak. Vale ressaltar que

A despeito de existirem diferentes abordagens de análise críticas da linguagem, o expoente da ADC é reconhecido em Norman Fairclough, a ponto de se ter convencionaado chamar sua proposta teórico-metodológica, a Teoria Social do Discurso, de ADC - convenção que mantemos aqui, mas com o cuidado de ressaltar que os estudos em ADC não se limitam ao trabalho de Fairclough. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 21)

Fairclough (1991) é o conhecido linguista britânico da Universidade de Lancaster, que cunhou o termo ADC e, em 1985, publicou artigo no periódico *Journal of Pragmatics*. Segundo Ramalho e Resende (2006, p.21) pode-se afirmar que a obra de Fairclough, desde o início, visava “contribuir tanto para a conscientização sobre os efeitos sociais de textos como para mudanças sociais que superassem relações assimétricas de poder, parcialmente sustentadas pelo discurso”.

Reconheço, desde o princípio, estar encantada em trabalhar com esse método, pois, como lemos acima ele pode servir como uma ferramenta para o desmonte de discursos e ideologias dominantes. Este encantamento, aumentou e aumenta dia após dia, ao iniciar a minha viagem neste estudo, isso porque, como as referidas autoras enfatizam e explicam:

(...) a desconstrução ideológica de texto que integram práticas sociais pode intervir de algum modo na sociedade, a fim de desvelar relações de dominação. Fairclough (2001a, p.28) explica que a abordagem “crítica” implica, por um lado, mostrar conexões e causas que estão ocultas e por outro, intervir socialmente para produzir mudanças que favoreçam aqueles (as) que possam se encontrar em situação de desvantagem. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 22)

Esta possibilidade de mudança e de abertura para a discussão de posturas que desejamos desconstruir terminou por reforçar este encantamento que me move e me conduziu até aqui. Evidente que é preciso reconhecer também que por tratar-se de monográfico oriundo de uma pesquisadora ainda em construção, a abordagem carece de profundidade e densidade que a ADC reivindica. Mesmo se tratando de uma primeira forma de aproximação dessa técnica, espero poder continuar trabalhando com ela em outras oportunidades.

Assim, preciso verbalizar o quanto a emoção me move, motiva e acolhe a escrita desse trabalho. Todas as noites insones e os dias vividos pensando como seria discutir este tema...; Em todos estes momentos sou tomada pela emoção e busco ver e atuar em tudo sempre a partir do olhar da ativista negra, da estudante do curso Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade que aprende e apreende todos os dias conhecimentos tão importantes para minha vida acadêmica e pessoal, articulando duas inserções num mesmo projeto de vida.

Por fim, falo da minha história de vida e mobilização, em torno do gênero, o meu lugar de estudante e ativista negra. Essa “educadora popular” que, hoje apresenta esse trabalho a partir de um pensamento feminista negro, maturado no movimento social negro e refinado pela orientação luxuosa da Profa. Dra. Márcia Macedo. Pensamento Feminista Negro que é levado para sala de aula, a sala da educadora de CCN - Cidadania e Consciência Negra que hoje, (posso afirmar com toda certeza), tem em suas aulas o recorte de gênero, discutindo com aquelas/es jovens a importância de inserirmos todos os dias a questão racial imbricada com a questão de gênero, classe e geração.

Entendo que, para muitas/os, este tipo de trabalho pode ser classificado como algo puramente feminino uma vez que privilegia a emoção. “Nesse sentido, aquiesço o argumento da emotividade do trabalho uma feita que no seu curso sou genuinamente movida pela emoção ao falar de temas tão importantes para mim, sujeito mulher negra. Por outra via, quando me recordo de Jaggar(1997, p.163) rechaço o argumento biológico, sobretudo quando essa autora afirma que “as emoções humanas maduras não podem ser vistas como instintivas ou biologicamente determinadas. São, ao contrário, socialmente construídas em vários níveis.”. Ao discutir essas emoções humanas maduras entendendo que essas emoções são por demais importantes e daí não poderem ser vistas pelo prisma biológico e conclui reconhecendo a importância da emoção para a absorção do

conhecimento desde épocas remotas. Não sem razão, a autora recupera o uso da emoção nos gregos:

Em conclusão, é interessante notar que reconhecer a importância da emoção para o conhecimento não é uma sugestão inteiramente nova dentro da tradição epistemológica ocidental. O próprio Platão, ultra-racionalista, chegou a aceitar que, afinal, o conhecimento exigia (uma forma muito depurada de) amor. E talvez não seja por acaso que, no Banquete, Sócrates recebe essa lição de Diotima, a mulher sábia. (JAGGAR, 1997, p. 180)

Enfim, esta é a minha motivação e que reconheço ser guiada pela emoção, não apenas de buscar algum conhecimento, mas, também, com a noção de que este conhecimento deve alimentar a luta para que possam vir dias melhores para aquelas/es que, como eu, oriundas/os da periferia, lutam cotidianamente por dias melhores, através da construção de igualdade de oportunidades para o povo negro.

Retomando meu percurso, o interesse sobre a temática das relações afetivo-sexuais entre homens e mulheres negras me levou a ter acesso a uma dissertação de mestrado que apresentava alguns trechos de uma das obras que provocaram minha curiosidade acerca das abordagens masculinas em relação as mulheres negras. O contato com essa dissertação - de autoria da Professora Silvana Bispo, defendida em 2011 e intitulada "Feminismos em Debate: reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador (1978 - 1997)" - fez surgir em mim um sentimento de forte identificação, pois, tínhamos vivências e percepções similares na condição de mulheres negras.

Recordo que, quando ouvi da minha orientadora, pela primeira vez, a leitura do trecho de uma das obras aqui analisada, qual seja, Preto e branco: a importância da cor da pele, foi impossível conter as lágrimas mesmo sobre os pedidos de desculpas da professora Márcia. Constrangida diante do meu choro, ela leu por acreditar que eu já tivesse conhecimento do autor e obra em questão. Uma revolta tomava conta de mim e a vontade de analisar aquele livro chegou com uma intensidade tão grande que me fez ter medo de abandonar minha intenção inicial de discutir sobre a afetividade da mulher negra, um interesse enorme surgido, outrora, a partir das conversas com algumas ativistas negras sobre seus relacionamentos nem sempre felizes.

A leitura da produção de mulheres negras tais como Ana Claudia Pacheco, Silvana Bispo, Sueli Carneiro, Claudia Pons Cardoso me ajudaram a construir este

objeto de estudo. Ainda sobre minha emoção, confesso que, muitas vezes, fiquei tão chocada com a leitura dos dois autores que me perguntava se conseguiria chegar ao final deste trabalho. Porém, aquela questão retornava sempre a minha cabeça (e espero que possamos juntas/os responde-la): até que ponto o status de ser homem diferencia-se no discurso sexista de homens brancos e não brancos? É esta pergunta que nos orienta neste trabalho e dela decorre uma série de outros questionamentos, tais como: o que há de comum nesses olhares? Por que esses autores, embora em épocas distintas, com graus distintos de sucesso, se encontram ao retornarem seu foco para as mulheres negras? Até que ponto o exercício de análise literária de algumas obras seria fundamental para construção de políticas contra o racismo e de empoderamento de mulheres negras?

Analisarei de que forma as representações produzidas sobre as mulheres negras em duas obras literárias de autoria masculina dialogam com os discursos produzidos pelas interconexões entre desigualdades de classe, racismo e sexismo na ratificação de um olhar de objetificação e desvalorização das mulheres negras na sociedade brasileira.

Assim, espero desenvolver um debate sobre gênero e racialidade a partir da reflexão acerca dessas obras literárias, um exercício que buscará responder a algumas das inquietações que tantas vezes me foram trazidas por várias mulheres negras - que não entendiam por que exatamente os homens negros também as rejeitavam, ao apontar que aqueles que deveriam nos amar eram responsáveis por mais uma forma de violência. A vivência de opressões e discriminações sofridas por mim e por todas as mulheres negras me coloca num lugar de possibilidades de discussão dessas opressões a partir de um olhar afro centrado nas mazelas provocadas pelo racismo a quem nós pessoas negras somos submetidas/os todos os dias.

Nesse contexto, sou e encarno muitas personagens mulheres: sou uma feminista negra, sou uma mulher negra, sou uma mulher de candomblé, sou educadora social, sou a estudante do NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, sou orientanda da professora Dra. Márcia Macedo, sou uma ativista negra. Enfim, todas estas questões me colocam num lugar de possibilidade legítima de discussões e vivências próprias, minhas e de outras mulheres negras que, ao longo dos anos, vem tendo sua imagem estereotipada, objetificada, hipersexualizada, dentre outros adjetivos. Desejo usar estas minhas vivências e

experiências para pautar questões que, embora recorrentes, deixam de ser discutidas por ativistas negras/os por incorrerem no erro da naturalização dos discursos perversos e muitas vezes por não se sentirem estimuladas a iniciarem uma discussão sobre narrativas dessa natureza.

Acredito que o encontro entre o ativismo negro e a experiência que comecei a viver com o NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher, no curso do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, ambos refinaram meu olhar e me possibilitaram ferramentas para analisar os discursos presentes em falas proferidas por alguns ativistas negros. Nas suas falas e posturas (muitas das quais me solidarizo) há um comportar-se daqueles que como eu conhecem muito bem o que é preconceito e discriminação, bem como, as dores da exclusão e do desrespeito.

Ouso dizer que ser ativista, feminista negra e estudante de Gênero e Diversidade me permitem reconhecer os privilégios que tenho no que se refere a poder conhecer e reconhecer as interconexões entre racismo e sexismo nas falas proferidas e posturas adotadas por alguns homens negros. Ser uma feminista negra me faz reconhecer que homens negros nunca ocuparão o lugar de um homem branco, portanto, nunca viverão os privilégios de pertencer ao espaço destinado aos brancos, algo que também está interdito para aqueles negros que eventualmente ascendam socialmente, visto que jamais terão a possibilidade de viver a experiência de ser um homem branco e as suas prerrogativas<sup>1</sup>.

Por outro lado, reconheço que o lugar de macho coloca o homem negro em um espaço de poder e de vantagens, pois, ainda que não sejam equivalentes às experiências dos homens e mulheres brancas - uma vez que para nós negras/os estes locais não nos estão destinados, pois, historicamente estes espaços de regalias não são ocupados pelo povo negro, já que vivemos numa sociedade racista e excludente como a Bahia e o Brasil. O homem negro vive privilégios de gêneros que não são vividos pelas mulheres negras, uma vez que eles não conseguem perceber os efeitos nocivos causados pelo sexismo por entenderem, muitas vezes, ser o combate feminino as desigualdades de gênero uma luta entre homens e

---

<sup>1</sup> São prerrogativas sociais que lhe garantem socialmente direitos e a garantia de ir e vir e de frequentar espaços que não são permitidos a negras/os, de ocupar cargos e salários diferenciados, de pertencer ao topo da pirâmide social na sua grande maioria. Todas estas garantias da raça branca foram construídas historicamente, são privilégios da raça branca que não serão vivenciadas pelo homem negro mesmo aqueles que ascendem socialmente.



mulheres, uma luta de poder por espaços e não uma busca feminina por igualdade e combate ao machismo e sexismo que tanto maltrata as mulheres.

Nesta sociedade, todo o tempo estamos preocupadas/os com um racismo que insiste em nos deixar fora da propaganda de TV, dos melhores cargos e salários, dos melhores locais de moradia. Experimentamos sim, a cada dia, sermos empurradas/os para um abismo de exclusões que, muitas vezes, nos submetem à impressão de que, ao avançarmos um passo na longa caminhada pela igualdade, retrocedemos outros com as novas modalidades de racismo e restrições criadas pela lógica reinante na sociedade brasileira.

Posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que aprendi com a leitura de feministas negras, tais como Luisa Bairros e Sueli Carneiro, dentre tantas outras, é justamente a: importância de enegrecer o feminismo, de elevar a auto-estima das mulheres negras para que, assim, rompam com as opressões impostas a todas, uma vez que:

(...) a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e antirracista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira...

Esse novo olhar feminista e antirracista, ao integrar em si tanto as tradições de luta do movimento negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra. O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimento negro e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro.(CARNEIRO, 2002, p. 182)

A partir da experiência vivida com no NEIM ao estudar e procurar entender o feminismo clássico europeu e norte americano, o feminismo branco que me levou a busca deste curso de Estudos de Gênero e Diversidade e me auxiliou decisivamente a tornar-me a mulher feminista negra que sou hoje. Essa feminista que é o produto das teorias adquiridas na academia muito se favoreceu do encontro com o feminismo negro e com o feminismo pós-colonial e sobretudo, da luta negra absorvida pelos movimentos sociais negros. É deste encontro que tenho tentado discutir, dentro da academia, as pautas trazidas por feministas negras históricas, algo que pretendo discutir incansavelmente: a igualdade de direitos para todas as mulheres negras.

Por fim, o texto que segue busca contribuir com a construção de respostas a um questionamento - inúmeras vezes trazido ao debate por ativistas negras - sobre a fragilidade das relações afetivo-sexuais heterossexuais dessas/es atores negras/os do movimento social negro. Trata-se de um questionamento recorrente uma vez que muitas/os dessas/es atores sentem-se incomodadas/os com a forma como se desenvolvem estas relações afetivas sexuais muitas vezes vistas como muito pouco amorosas ou mesmo desrespeitosas por seus pares.

No primeiro capítulo, procurei discutir com a perspectiva trazida por teóricas/os negras/os abordando a questão do racismo e sexismo existente em nossa sociedade, que, embora extremamente presentes, por muitas vezes não fica evidenciado para algumas pessoas negras e não negras. A visão desta ativista negra será baseada nos estudos das acadêmicas negras que sempre foram referência para esta jovem pesquisadora e que, auxiliaram e auxiliam na construção intelectual, política e acadêmica dessa feminista negra que me tornei. Hoje, como explicitado acima, me reconheço com um conhecimento situado entre o movimento social, o movimento negro e a academia.

No segundo capítulo, apresento a obra “Preto e branco: a importância da cor da pele”, de autoria de Marco Frenette, do qual analisaremos apenas os capítulos dois e quatro da publicação, uma vez que como informado anteriormente não dispomos de tempo hábil para análise do livro como um todo, portanto, faremos um contraponto entre os trechos retirados dos capítulos e o que pontuam, a respeito do tema, teóricas negras e ativistas negras acadêmicas como Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Luisa Bairros, Audre Lorde, Patricia Hill Collins dentre outras.

No terceiro capítulo, analiso os capítulos 4 e 7 do livro de Mv Bill e Celso Athayde, “Falcão: Mulheres e o Tráfico” e adotando a mesma estratégia utilizada no capítulo anterior para comentar o conteúdo da obra, na tentativa de desmontar e evidenciar dos discursos racistas e sexistas contidos no texto. Em seguida, no quarto capítulo, buscaremos o aprofundamento da reflexão, onde tento apresentar através da minha análise, trazer as argumentações, desta ativista e feminista negra, referendada pelo diálogo com as autoras anteriormente citadas. Finalmente, apresento as considerações finais, onde tento sinalizar para as principais contribuições deste trabalho e apresentar algumas questões para orientar pesquisas futuras.

## 1 RACISMO E SEXISMO SOBRE O OLHAR INTERSECCIONAL

Nos primeiros pensamentos feministas sobre a importância de um estudo sobre as mulheres, suas análises e reflexões foram feitas a partir de abordagens universais não se atendo a particularismos. As feministas brancas e acadêmicas, responsáveis pelas discussões sobre as necessidades das mulheres, não incluíram nos seus estudos as questões pertinentes às mulheres negras. Betty Friedan, no seu célebre livro “Mística Feminina” (1971), revolucionou os estudos femininos quando observou que mulheres norte americanas recebiam uma educação que não as estimulavam a serem mulheres independentes e afirmava ainda que um “problema sem nome” era o causador das mazelas que deprimiam e debilitavam as mulheres nos Estados Unidos da América.

Friedan (1971, p.21) explicava em seu livro que, aos poucos, foi “percebendo que o problema sem nome era partilhado por inúmeras mulheres do país inteiro”. Mas, de que mulher Betty Friedan discutia naquela época? Os estudos iniciados pela autora eram destinados às mulheres brancas e acadêmicas e só para elas a discussão era pertinente, pois, ao se sentirem entediadas, percebiam que algo lhes faltava e que o matrimônio, a casa e os filhos não lhes davam a satisfação plena por elas desejada.

Para as mulheres negras, que obviamente não foram objetos desses estudos, essas experiências desejadas pelas mulheres brancas, como por exemplo, de serem independentes através do trabalho não as contemplavam, pois há muito tempo, as negras já trabalhavam como domésticas e muitas das vezes eram as responsáveis pelo total sustento de suas famílias. Àquela época, as mulheres negras necessitavam da formalidade do trabalho registrado, uma vez que desenvolviam suas atividades na informalidade dos comércios e das casas residenciais, necessitando das garantias trabalhistas mínimas destinadas a todas/os trabalhadoras/es, desejo que as acompanha até os dias atuais.

Assim, os primeiros estudos sobre feminismo priorizavam as mulheres brancas, acadêmicas e de classe média em detrimento das outras mulheres, quais sejam, as negras, as indígenas, as ciganas, as latinas, dentre tantas outras. Estas ficaram a margem dos estudos feministas uma vez que as mulheres brancas se esqueceram das mulheres negras cuidadoras de suas casas (e de suas crias) quando elas saíram às ruas para queimar sutiãs, reivindicar seus direitos no mercado de trabalho, pedindo a inclusão da mulher como trabalhadora formal no comércio e na indústria. Sueli Carneiro (2003) evidencia estas questões quando pontua que,

Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas de mulheres liberadas e dondocas, ou de mulatas tipo exportação. (CARNEIRO, 2003, p. 50)

Sem querer desqualificar a luta histórica destas mulheres feministas, a mulher negra há muito já estava no mercado de trabalho. Há muito já eram vendedoras em feiras livres, (ou ambulantes pelas ruas das cidades, com seus tabuleiros levado na cabeça mercando os produtos que eram por elas vendidos) e eram também “lavadeiras de ganho” (lavavam e passavam a roupa das famílias brancas), cuidavam das crianças das famílias brancas (outrora amas de leite, hoje babás), cuidavam da casa (domésticas e faxineiras). Eram estas especificidades da mulher negra que necessitavam de estudos e análise, porém estas reflexões foram deixadas de lado.

Segundo a autora Claudia Pons Cardoso (2008, p. 4)

as especificidades locais e históricas não podem ser apagadas, desconsideradas em nome de tendências gerais, pois o específico pode mostrar a diversidade, a tessitura de vivências no enfrentamento às desigualdades produzidas pela intersecção de opressões.”

Eram estas questões específicas relativas a vida das mulheres negras que também necessitava de estudos e tal lhes foi negado. As condições de opressão no trabalho, a violência doméstica, a falta de acesso aos serviços básicos, um conjunto de fatos a serem vistos e denunciados, assim como estava sendo feito com as mulheres brancas. Não era possível uma análise onde ficassem de fora e fossem tratadas, apenas neste momento, como “iguais”, como se o sofrimento de todas as mulheres negras e não negras fossem similares. Nesse sentido, as especificidades próprias de mulheres negras não foram contempladas pelo movimento feminista, quando Friedan (1971) afirmou:

Caso esteja certa, o problema sem nome, que ferve hoje no íntimo de tantas mulheres, não é a questão de perda de feminilidade, excesso de cultura, ou exigências domésticas. É muito mais importante do que parece à primeira vista. É a solução daqueles novos e velhos problemas que vem há anos torturando esposas, maridos e filhos, intrigando médicos e educadores. Pode muito bem ser a chave de nosso futuro como nação e como cultura. Não podemos continuar a ignorar essa voz íntima da mulher que diz: “Queremos algo mais que meu marido, meus filhos e minha casa.” (FRIEDAN, 1971, p. 31).

O “problema sem nome” não era comum entre as mulheres negras, nenhuma dessas ocorrências lhes eram comuns, elas nunca denunciaram, nem foram interpeladas sobre como se sentiam cuidando das crianças e da casa destas mulheres, se estavam cansadas em cuidar do trabalho pesado deixado para elas pelas mulheres brancas, inclusive as acadêmicas, entediadas com a monotonia de suas vidas. Não é exagero afirmar que as mulheres negras foram esquecidas pelo movimento feminista e tratadas, naquele momento, como se enfrentassem as mesmas experiências e vivências das suas empregadoras e sinceramente, podemos afirmar com total convicção: as negras foram deixadas de lado nessas análises.

Patrícia Hill Collins (1990), quando discute em seu texto “Matrizes da dominação”, nos leva a compreender que as opressões de raça, classe e gênero não são vivenciadas igualmente por todas as mulheres, pois, a mulher branca, embora sofra as opressões de gênero, no quesito raça ela vivenciará os privilégios da sua cor. Essa intersecção entre estes marcadores gera variadas opressões que são vividas especificamente pelas mulheres negras, isso porque, como apontado acima, estas foram ignoradas em detrimento de uma minoria branca.

Essas intersecções de opressões se apresentam de forma contundente também na questão afetiva quando mulheres negras são relegadas ao isolamento afetivo, uma feita que não são as escolhas preferenciais para uma relação afetiva - nem de homens brancos e, muito menos, dos homens negros. Mas, refletir sobre opressões nos obriga ainda a pontuar a questão da mulher negra lésbica que se vê excluída das discussões realizadas pelo movimento negro e pelo movimento de mulheres: a afetividade destas mulheres não é apontada pelos estudos e muitas/os pesquisadoras/es recusam-se a entrar neste campo de discussão por entender que este é um lugar do qual não devemos falar por não termos proximidade com o tema - mas qual a proximidade que se espera? Trata-se de mulheres falando de mulheres, em meio às diferenças de vivência e relacionamentos. Patricia Hill Collins (1990) pontua que a chave para romper com as opressões está exatamente na discussão de todos os marcadores de opressão feminina; para ela, a discussão de raça, gênero, classe, religiosidade, sexualidade é o ponto crucial para minimizarmos os efeitos danosos que a dominação nos impõe.

Claudia Pons (2012, p. 224), em sua tese de doutorado, discute sobre a lesbianidade e pontua como o olhar masculino sobre ativistas negras lésbicas é bastante preconceituoso, - relatando o comportamento de homens negros ativistas quando se referem a estas mulheres e o uso da expressão “sapatona” ou

“sapatonas mal amadas” como referência a ativistas lésbicas (e mesmo ativistas não lésbicas) ao se reunirem para discutir questões de interesse delas, ressalta que “para homens negros que assim se expressavam, “sapatona” era um construto carregado de significado negativo, portanto, usá-lo para identificar as mulheres negras fazia parte da ação de desqualificar e desestruturar a nossa organização política.” Na verdade, esta atitude não é exclusiva de homens negros, os homens brancos (e até mulheres) também se utilizam de termos como o apresentado na intenção de desqualificar mulheres com identidade sexual diferente da delas.

O que causa perplexidade é que o tema da lesbianidade, bem como outros enclaves da sexualidade não são discutidos em grupos de mulheres. Nos grupos de movimento social, em geral, quando muitas vezes estes grupos se propõem a discutir gênero, insistem em se manter de fora a discussão sobre a sexualidade. Essa crítica é levantada por ativistas negras e segundo Claudia Pons (2012)

o movimento de mulheres negras carece de discutir a diversidade sexual, pois, a exemplo de outros movimentos sociais, tem partido, na maioria das vezes, de uma premissa heterossexual para a construção de uma agenda política... A lesbianidade tem ficado sob a responsabilidade das lésbicas negras e não do movimento de mulheres negras como um todo, embora, todas as organizações aqui citadas expressem compromisso com a luta antilesofóbica. (CARDOSO, 2012, p. 230)

A reflexão dessa autora é um dos pontos abordados nas entrevistas por ela coletadas para sua tese e revela a inquietação de mulheres negras sobre a invisibilidade desses temas. Se a luta das mulheres negras deixa de ser discutida dentro dos movimentos sociais, mesmo os de mulheres, o mesmo acontece com a afetividade e a sexualidade dentro dos movimentos de mulheres negras, esses temas não entram nas suas pautas de discussões e muitas vezes são vistos como pouco importantes. Doris Davenport (1996) discute a invisibilidade das mulheres negras lésbicas na academia e reflete sobre atitudes que as mulheres negras deveriam ter para trazerem a tona essas discussões e se fortalecerem enquanto grupo. Ela explica que

Aquelas de nós que somos Negras lésbicas na academia poderíamos ao menos começar uma rede de sobrevivência e apoio... Assim não nos sentiríamos sozinhas, isoladas. Em outras palavras, estabelecer algum tipo de sistema para nossa sobrevivência e celebração mútua. Um sistema para prevenir que sejamos individualmente devastadas e individualmente negadas. Afinal, nós sabemos que ser lésbica, nesse ponto, não é uma fase pela qual vamos “passar” ...quero que minhas irmãs estejam aqui, tempo suficiente para fazerem mudanças radicais e positivas. Mudanças na forma com que Negras lésbicas são vistas e tratadas na academia, e no resto do mundo ir-real. Mudanças na forma com que somos apresentadas e percebidas. Mudanças desse mundo morte-orientado para um mundo mais Deus-orientado, amoroso pela vida. (DAVENPORT, 1996, p. 11)

Para Davenport (1996, p.11), tratar as questões das mulheres negras lésbicas e visibiliza-las é de fundamental importância para o fortalecimento delas como pessoas e como grupo. Nesse sentido, a autora defende a tese de que respeitar a identidade lésbica dessas mulheres e sobretudo, tratar o tema da afetividade, nas suas relações com outras mulheres, seria fundamental para percebermos como nos comportamos diante desses relacionamentos afetivos e em alguma medida, como é possível também auxiliá-las a compreender seus relacionamentos e eventuais posturas de reprodução das opressões e dominações vivenciadas por mulheres negras.

Para Audre Lorde (1984, p. 121), as atitudes de repúdio das mulheres negras,- para com as mulheres lésbicas, deriva de um terror em perder a atenção e o apoio dos homens negros dentro do movimento social, - um apoio que embora escasso, - elas relutam em arriscar a perda desta parceria considerada por elas, importante para a causa racial. Não sem razão, essa autora nos recorda que temos de lembrar que não é a opressão, mas os objetivos comuns que unem as mulheres negras, nesse sentido, essa seria “a via de sobrevivência de todas as mulheres, negras ou brancas, adultas ou jovens, lésbicas ou heterossexuais.”

Entendemos, nessa perspectiva, o quanto se faz importante um estudo interseccional sobre as mulheres negras no qual possamos pontuar a questão não só de raça, classe e gênero, mas, também, de sexualidade, bem como idade/geração e religiosidade. Isso porque, uma vez que entendamos que a intersecção entre esses marcadores sociais gera diversas opressões e que elas são experimentadas todo tempo por mulheres negras, o estudo dessas intersecções torna-se fundamental não apenas para a compreensão dos danos causados na vida da mulher negra, mas, também para sua superação. Partindo deste princípio entendemos a importância de um estudo sobre olhares que são dirigidos a estas mulheres e sua afetividade e relações afetivo-sexuais.

Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177) nos alerta para a importância de fazer um estudo deste tipo quando diz que “essas opressões também se apresentam na questão afetiva quando elas (mulheres negras) são relegadas a um segundo plano pelos homens negros”. Faz-se necessário ainda afirmar que a importância de se fazer este estudo não se deve apenas à deserção dos homens negros, mas, que pensar a afetividade de mulheres negras - tanto heterossexuais quanto lésbicas - é conveniente para entender os danos causados a todas as mulheres negras.

Essa mesma deserção dos homens negros também já foi denunciada pela

autora norte americana Bell Hooks (2006) quando essa pontua que ele tem o seu início na escravização dos corpos negros. A partir desse argumento, essa autora nos alerta para a importância dessa discussão para as mulheres negras, afim de que essas se unam em um propósito comum, qual seja romper com as dominações venham elas de onde vierem. Aprofundar o estudo sobre este temática talvez seja um ponto que possamos discutir em trabalhos futuros.

A pauta racial sempre foi discutida por esta pesquisadora, continuamente buscamos discutir em nossos trabalhos a temática da igualdade entre negras/os e brancas/os e, por isso, a discussão da questão racial era um ponto que sempre acreditei responder, prioritariamente, a questionamentos acerca da condição de mulher negra, enquanto ativista de movimento social negro. Considero extremamente necessária a compreensão de que o racismo persegue as/os negras/os todos os dias e que este, cotidianamente, reformula-se na sua concepção. A este respeito Lia V. Schucman (2010) considera que

Racismo é qualquer fenômeno que justifique as diferenças, preferências, privilégios, dominação, hierarquias e desigualdades materiais e simbólicas entre seres humanos, baseado na ideia de raça. Pois, mesmo que essa ideia não tenha nenhuma realidade biológica, o ato de atribuir, legitimar e perpetuar as desigualdades sociais, culturais, psíquicas e políticas à “raça” significa legitimar diferenças sociais a partir da naturalização e essencialização da ideia falaciosa de diferenças biológicas que, dentro da lógica brasileira, se manifesta pelo fenótipo e aparência dos indivíduos de diferentes grupos sociais. (SCHUCMAN, 2010, p. 44)

No Brasil, o racismo é vivido através de uma gradação de cor que considera negro aquele que tiver uma epiderme mais escura, e a estas/es sujeitas/os as desigualdades se acentuam e as oportunidades lhe são tiradas por não possuírem um tom de pele que agrade aos padrões eurocêntricos vividos pela sociedade brasileira. Para Sueli Carneiro (2002, p. 176), a fragmentação da identidade racial negra baseada num espectro cromático tem por função política escamotear a importância da população negra, desqualifica-la enquanto grupo e impedir a unidade entre elas/es, Ademais, afirma a autora, e essa desvalorização, no que diz respeito à mulher negra, uma gradação que vai da desvalorização a valorização. Nessa lógica perversa, as mulheres de pele mais escuras se enquadram justamente no rol das desvalorizadas no conjunto de mulheres, ao passo que as mulheres de pele brancas são as mais valorizadas; aquelas com peles menos escuras (as ditas, morenas) seria o grupo intermediário nessa classificação que leva em conta a preferência heterossexual.



Esta intersecção de opressões deve ser denunciada e trazida à discussão por negras/os, ativistas ou não, para que se possa desmontar estes discursos racialistas de superioridade através da cor da pele, do sexo, da sexualidade, religiosidade e idade/geração. Patricia Hill Collins (1990, p. 221 - 238), nos alerta quanto a necessidade de trazer para discussão as experiências vividas por mulheres, pois o processo de discuti-las e reconceitualizá-las poderá ser empoderador para essas mulheres - daí ser muito importante, portanto, uma discussão de matriz feminista negra que articule as necessidades interconectadas entre gênero, raça e classe.

Nessa direção, não custa lembrar que as mulheres negras são, simultaneamente, vitimadas pelos preconceitos de serem mulheres e negras e ocuparem os piores indicadores de classe social. No Brasil, esses indicadores acompanham a população negra ao longo de sua história e mostram a cruel discriminação sofrida por ela ao longo do projeto de construção desta nação. O processo de escravização de negras/os por mais de três séculos - e que nos persegue até hoje - vem negando a este povo o direito mínimo à saúde, à educação e à moradia. As violências sofridas pelas mulheres negras desde a casa grande e a senzala reforçam o quanto fomos ultrajadas em todos os nossos direitos e estereotipadas até hoje em nossa forma física. Este quadro violento é facilmente detectado nos hábitos, gestos e olhares masculinos acerca da nossa sexualidade.

Sueli Carneiro (2002, p. 172) denuncia que, mesmo “no decorrer do século XX, persiste a visão que limita a mulher negra a ser destinada ao sexo, ao prazer, às relações extraconjugais”. Trata-se de uma visão estereotipada que coloca a mulher negra como objeto de prazer dos homens e que, por sua vez, também a coloca num papel secundário. A esse respeito Patricia Hill Collins (1990, p. 221 - 238) afirma que não apenas a objetificação das mulheres negras, mais ainda, a importância da visão eurocêntrica de masculinidade a elas destinada, vai servir aos interesses de uma elite de homens brancos que insistem em coisificar mulheres negras, ou seja, esta visão de objeto, aliada à subordinação, servem muito mais do que a objetificação das mulheres como um todo. Não podemos esquecer que, para estas mulheres brancas é que se destinam, não apenas a preferência masculina, mas a ocupação dos melhores espaços de trabalho, dentre outros privilégios, restando às mulheres negras, principalmente, a exploração e o isolamento. Para essa autora, todo este “intrincado de opressões” seria mais do que suficiente para desempoderar as mulheres negras e esvaziá-las de sua dignidade.

Este desempoderamento, também é percebido pelas negras lésbicas, como já foi comentado acima, quando por diversas vezes os homens negros e os não negros insistem em se utilizar de palavras desabonadoras para classificar a identidade sexual dessas mulheres e desacreditá-las politicamente. Nesse contexto, muitos homens negros reproduzem posturas de dominação e opressão, esquecendo-se que, no quesito racial, ele vive semelhantes opressões experimentadas pelas mulheres negras - ainda que estas, por sua vez, vão vivenciar a opressão sexista por parte de negros e não negros, além da rejeição à sua sexualidade.

Não tem sido a toa que, progressivamente, mais e mais estudos vêm apontando que as conexões entre racismo e sexismo vêm demarcando esse “lugar subordinado” da mulher negra e do homem negro no mundo material (mundo do trabalho, na escola, no bairro, etc.), também no mundo simbólico (publicidades, produções culturais, representações sociais, dentre outros) e nas suas relações interpessoais e, em especial, nas relações afetivo-sexuais de mulheres negras. Como observado anteriormente, é essa imagem ou representação que vai nos evidenciar porque daquela mesma mulher que serve para ser parceira na luta pela causa racial, não chega a despertar naquele homem negro o interesse afetivo que o leve à chamada “formação de parselhas” ou de vínculo de conjugalidade, ou, no caso das mulheres lésbicas, o respeito a sua identidade sexual. Paradoxalmente, mesmo com todo o discurso politicamente racializado, é com as brancas que muitos ativistas negros contraem o matrimônio, reforçando as estatísticas que indicam ser as mulheres negras o grupo racial feminino de menor pretensão para matrimônios. Cumpre lembrar o que dizem Diva Moreira e Batista Sobrinho (1994) a esse respeito:

O grupo que é posto à margem, no caso em pauta o das mulheres negras, objetivamente encontra-se em situação precária, constatação facilmente verificável por quaisquer indicadores sociais. Assim, fecha-se o círculo da exclusão, com um movimento perverso, onde diversos fatores interagem e realimentam. (MOREIRA; SOBRINHO, 1994, p. 89)

Como visto, todas estas opressões vêm sendo denunciadas por diversas autoras, algo que nos remete a necessidade de um olhar interseccional para todas estas opressões que insistem em manter a mulher negra de fora de direitos básicos que lhe são negados. Estas opressões não afetam apenas o rol dos direitos, mas também o campo dos afetos propriamente, uma feita que, recorrentemente, elas veem a sua credibilidade na pretensão e manutenção de relacionamentos afetivos

estáveis, uma vez que, de fato, deixam de ser, o alvo das escolhas afetivas heterossexuais. É justamente diante deste mote que pretendemos nessa pesquisa compreender como se dão estas interseccionalidades de opressões para que possamos entender como vamos nos relacionar com o mundo. Não sem razão, Sueli Carneiro (2002) realizou uma análise sobre a deserção dos homens negros e a lógica racista e sexista que faz com que as mulheres negras não sejam a preferência desses homens, principalmente, dos “bem sucedidos”:

A medida que a sociedade brasileira vai realizando ao longo das décadas o seu projeto de branqueamento da população, seja pela apologia da miscigenação ou pela política de incentivo à imigração europeia, vão se consolidando os estigmas e o destino social de negras e brancas dentro da lógica racista e sexista. O processo de emancipação da mulher e de liberação sexual, que ganha força a partir dos anos 60, irá estabelecer novos desafios para as mulheres negras do ponto de vista de sua identidade, de sua afetividade e sexualidade, por estabelecer a absoluta hegemonia da brancura como padrão (CARNEIRO, 2002, p. 174)

Essa absoluta hegemonia da brancura como padrão, nos acompanha e se redefine a cada dia nas preferências de uma sociedade moldada a pensar que ser branco é ser belo, ser branco é ser bom, ser branco é ser “legal”. Como se a cor da pele definisse padrões de beleza, de caráter e até de humor.

Essas amarras do racismo macerado me remonta uma passagem do texto de Bell Hooks (2006), intitulado “Vivendo de Amor”. Esse artigo que sempre foi alvo de minha atenção, discute, justamente a imagem que torna a/o outra/o digno de ser alvo de escolha afetiva, nesse sentido, a autora destaca o quanto temos sido profundamente feridos/as ao longo dos anos e de como continuamos a nos ferir por estarmos sem uma capacidade de enxergar o sofrimento que esta falta de amor tem acarretado em nossas vidas (HOOKS, 2006)

nós negros temos sido profundamente feridos, como a gente diz, "feridos até o coração" e essa ferida emocional que carregamos afeta a nossa capacidade de sentir e, conseqüentemente, de amar. Somos um povo ferido. Feridos naquele lugar que poderia conhecer o amor, que estaria amando. (HOOKS, 2006, p. 189)

Nessa síntese, Hooks (2006) define, o profundo sentimento de negras e negros norte americanas/os que como ela eram vítimas do racismo endêmico. Tal dor, nunca terá fim sem que se reconheça o mal causado a negras/os, ao longo de todos esses anos, o mal impetrado por uma elite branca preocupada apenas em desqualificar o ser negro e nos manter à parte desta sociedade, uma preocupação em mantê-las/los à margem todo o tempo, inclusive hoje.

É evidente que Hooks (2006) trata de sentimentos que não são específicos apenas aos afros americanos, uma vez que, estes sentimentos estão postos como uma realidade vivenciada por toda a comunidade da diáspora negra. A autora ainda denuncia em seu texto que, apesar de extremamente relevantes, muitas destas verdades privadas da vida feminina ainda não são discutidas, tratadas e trazidas ao coletivo por nós, mulheres negras, porque, ela dirá: “essa realidade é tão dolorosa que as mulheres negras raramente falam abertamente sobre isso” Hooks (2006, p. 188). Mas, mesmo silenciando por nós, não se cala a profusão de discursos sobre as negras. Daí é que vêm alguns questionamentos a este respeito: afinal, o que nos dizem estes discursos sobre as mulheres negras? E, se são tantas vozes, porque não dar voz a uma dessas “verdades privadas?”.

Ao refletir a esse respeito, uma questão que nós mulheres negras precisamos considerar é que ao longo dos anos temos tido a nossa imagem estereotipada e inferiorizada quanto ao desenvolvimento de determinadas funções - tais como mãe/esposa, trabalhadoras qualificadas, representação política e demais atividades sociais que confirmam reconhecimento e prestígio - Como face da outra moeda, somos enaltecidas quando a apreciação se relaciona mais diretamente com a exuberância e a sensualidade, bem como da sexualidade que despertam. O estereótipo da “gostosa”, da “boa de cama”, da “serpente”, “da boazuda”, “da ordinária”, “da mainha”, “da toda boa” aquela que sabe fazer um homem feliz na cama se estende desde muitos anos, desde que aqui chegaram os nossos antepassados africanos. Segundo Sueli Carneiro (2002, p. 169), “no Brasil, o estupro colonial perpetrado pelos senhores brancos portugueses sobre negras e indígenas está na origem de todas as construções sobre a identidade nacional e construções hierárquicas de gênero e raça presentes em nossa sociedade.” Já o autor do clássico livro “Casa Grande e Senzala”, Gilberto Freyre (2006), apresenta uma imagem bem romantizada destas relações ocorridas entre brancos e negras, uma construção ideológica que remonta, ao falso mito de democracia racial, razão pela qual chega esse autor a considerar esses processos de “estupro colonial” de “relações amorosas”. (sic!).

Aliás o nosso lirismo amoroso não revela outra tendência senão a glorificação da mulata, da cabocla, da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos muito mais do que as “virgens pálidas” e as “louras donzelas”. Estas surgem num outro soneto, numa outra ou noutra modinha do século XVI ou XIX. Mas sem o relevo das outras. (FREYRE, 2003, p. 72)

Desde muito tempo já éramos o alvo do “lirismo” masculino enaltecendo das “qualidades” das mulheres negras, ao que tenho certeza que, não desejávamos ver cantadas em verso e prosa em tais cantigas e canções que nos segue até hoje. Uma pergunta que não quer calar: por que as virgens pálidas de outrora não foram as musas inspiradoras desse tipo de música? Será se era porque a estas estava destinado o amor, o respeito do homem branco da época, já que apenas à mulher branca estaria destinada ao matrimônio e à família?

Sueli Carneiro (2002) aponta como eram classificadas essas mulheres brancas e como reagem a estas “preferências” masculinas, explicando que se havia uma imagem da mulher negra, havia também uma imagem que era própria da mulher branca, e talvez na época para manter esta imagem de submissão e pureza elas, as brancas não eram cantadas nas músicas, pois:

Criou-se também uma imagem da mulher senhora branca, como alguém submissa e subalterna ao controle autoritário do marido, portador de sentimentos brutalizados; no entanto, a mulher branca era por excelência tão autoritária e despótica quanto o colonizador português, e são muitos os casos em que por despeito ou ciúmes (ou até mesmo por capricho) essas senhoras maltratavam com castigos torturantes suas serviçais. (CARNEIRO, 2002, p. 171)

As senhoras brancas submetiam as escravizadas aos piores castigos, por acreditar que elas seduziam seus maridos e senhores. Culpavam as mulheres negras por estas relações sexuais clandestinas, pois acreditavam que eram elas que atraíam seus maridos e filhos. Tratavam estes acontecimentos no âmbito doméstico como se à mulher negra fosse possível rejeitar estes ataques noturnos (ou diurnos) cometidos pelos seus senhores de engenho. Como denunciado por Carneiro (2002) eram eles, homens brutalizados que se utilizavam da força para adquirir as benesses das mulheres negras na cama. Se para a mulher branca não havia como escapar à essas relações pouco amorosas, o que podemos dizer da mulher negra vista como uma mercadoria por seus senhores? Sueli Carneiro (2002, p. 171) reforça em seu texto estes acontecimentos quando diz que “assim, a mulher é mostrada como responsável por atrair o homem com seus dotes, envenenando-o, embriagando-o e isentando-o de qualquer culpa, afinal de contas, ela é “irresistível” e, até certo ponto, indispensável.” E não podemos esquecer que eram; também, propriedade desses senhores.

O autor Gilberto Freyre, em seu celebre livro “Casa Grande e Senzala”

(2003), continua sua visão romantizada das/os escravizadas/os, e define a mulher negra e a mulata como fáceis.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase toda a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento, a primeira sensação completa de homem. (...) do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil. (FREYRE, 2003, p. 367 - 368)

Esse olhar desumanizador permanece até hoje e se constitui em um verdadeiro conjunto de falas estigmatizantes que continua a nos perseguir até os dias atuais. Elemento desse conjunto, a hipersexualização da mulher negra recai sobre nós, repleta de significações negativas, que, na sua maioria, estão ligadas à cor da pele, uma imagem que estereotipa a mulher negra em todas as suas fases da vida, sejam jovens, sejam idosas, como aquelas que só servem para a cama, o fogão e os trabalhos domésticos. Sueli Carneiro (2002, p. 171) explica que “a mulher negra será retratada como exótica, sensual, provocativa, enfim, com fogo nato. Tais características chegam a aproximá-la de uma forma animalesca, destinada exclusivamente ao prazer sexual”.

Seria de estranhar que tanta publicidade acerca de uma sexualidade tão falada não criasse curiosidades sobre o desempenho sexual das/os negras/o. Freyre (2003) conforme citação acima, adjetivava as mulheres negras e mulatas de fáceis e as músicas, como ele mesmo relatava, falavam também das mulheres negras. Neste momento, acreditamos que também os homens negros, não escapam do estereotipo de “bem dotado”, bom para o trabalho pesado ou com tendências a marginalidade, bom para reproduzir, para apanhar, um conjunto de imagens que os seguem em novas e variadas versões até os dias de hoje. Para desmontar estes discursos e posturas estigmatizantes seria importante uma discussão onde pudéssemos levar a sociedade a entender a participação da comunidade negra na construção dessa nação e a importância de se estudar sobre estes povos discriminados e estereotipados.

Neste sentido, o feminismo negro seria a ferramenta para desmontar a intersecção de opressões entre marcadores como raça e gênero além de geração e

classe social, um verdadeiro auxílio para nossa necessidade iminente de desmonte das posturas racializadas. O Pensamento Feminista Negro, enquanto movimento intelectual e político nasce com a intenção de resgatar uma imagem positiva das mulheres negras sem esquecer contudo das bandeiras de luta dos movimentos sociais de discussão racial, muito menos abandonar a luta ao lado dos companheiros negros. Para Sueli Carneiro (2002, p. 180), “um feminismo negro construído no contexto de sociedades multirraciais e pluriculturais tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero”. Para as feministas negras é fundamental uma imagem positiva, liberta de estereótipos que acompanham a efígie das mulheres negras, desde a casa grande e senzala até os dias atuais.

Imagem positiva construída a partir das experiências vividas pelas mulheres negras, como aponta Luisa Bairros (1995, p. 461), “seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da experiência de ser negro (vivida “através” do gênero) e de ser mulher (vivida “através” da raça)”. Para essa autora as prioridades entre racismo e sexismo nos estudos torna-se supérflua uma vez que as duas dimensões não podem ser vividas separadamente, uma reforça a outra, uma não vive sem a outra tanto do ponto de vista político como reflexivo. Logo, as mulheres negras vivem o racismo e o sexismo diferente das mulheres brancas que podem viver o sexismo, mas desconhecem o racismo. Os homens negros, por sua vez, ao viverem o racismo, desconhecem as dimensões do sexismo e os danos que estes marcadores causam nas mulheres. Se aprofundarmos esta discussão tomando-se em conta outros marcadores, ainda é a mulher negra que viverá diferentes e diversas formas de opressão relacionadas a sexualidade, a religião, a idade e a classe.

Nos dois capítulos a seguir, vamos proceder à análise das duas obras propostas para identificação dos marcadores sociais do racismo e do sexismo. Para esta análise, conforme já alertado, trabalharemos com ADC - Análise de Discurso Crítica, além de um rápido percurso pelas representações sociais e pela Análise de Conteúdo e de Discurso, uma tentativa de identificar nas obras as interconexões entre racismo e sexismo contidas nelas.

## 2 O OLHAR DO HOMEM BRANCO SOBRE A MULHER NEGRA - ANÁLISE DA OBRA: PRETO E BRANCO: A IMPORTÂNCIA DA COR DA PELE

Ao iniciar este capítulo, importante se faz que se explique como trabalhei para chegar a estas análises. A ADC - Análise de Discurso Crítica - é um campo de estudo novo e poucos são os trabalhos sob a perspectiva dos Estudos de Gênero e Diversidade - que é a minha formação - que se voltem para análises de obras literárias. Tenho assim a desculpa de não ser graduanda em letras e/ou literatura donde o conhecimento em ADC foi apenas exercício prévio para incursões futuras. Como exercício de pesquisa, esse conhecimento foi treinado de outra maneira, seja através dos conteúdos teóricos instrumentalizados no curso de gênero e pelo “conhecimento situado”<sup>2</sup> seja através dos marcadores de gênero, raça, geração e sexualidade que circunscrevem esse trabalho. Essa análise tem uma referência na Análise de Discurso Crítica - ADC, já que na área dos estudos feministas a ADC é um arcabouço teórico metodológico mais próximo das nossas demandas.

Outras metodologias de análise foram utilizadas para detalhamento das obras, a exemplo, da Análise de Discurso – AD, porém não nos sentimos contempladas com esta metodologia já que a mesma trata de análise sem prática social. Outra tentativa de investigação das obras, foi feita com a Análise de Conteúdo – AC, porém a mesma se atem às características do texto, nas questões mais objetivas de formação de frases e estruturas linguísticas que não contemplam o que queremos analisar.

Aqui há uma produção textual e a materialidade desses discursos como um retorno na sociabilidade como prática social. Será então que criticar a potência e o poder dessa branquitude e dessa masculinidade seria possível estreitando-as numa tabela? Em verdade, este trabalho de confecção de tabela e enquadramento foi realizado por esta pesquisadora, sendo possível detalhar, em um quadro, as representações sociais, a análise de discurso e de conteúdo contidos nos capítulos analisados, algo que muito me auxiliou na compreensão e desmonte desses discursos hegemônicos. Todavia, o enquadramento de todos estes conteúdos fugia totalmente a parâmetros de linhas e laudas necessárias para expor aqui, mesmo em anexo. Desse modo, para uma maior compreensão do trabalho realizado através de

---

<sup>2</sup> HARAWAY, Donna, “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”, *Cadernos Pagu*, (5), 1995:07-42.



tabela exemplificarei com pequena passagem do texto de Marco Frenette capítulo 2 “A pequena Matilha”, pag. 25, como foram utilizadas estas metodologias em tabelas.

QUADRO 1 - EXEMPLO DE QUADRO CONCEITUAL

REPRESENTAÇÃO SOCIAL	TEXTO (TRECHO)	ANALISE DE CONTEÚDO	ANALISE DE DISCURSO
Essencialização Vitimização Subalternidade	“Éramos um menino branco e uma menina negra, ambos vítimas, cada um a seu modo, da estupidez da educação que recebíamos.” P. 25	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ausência do EU</li> <li>Utilização do aposto AMBOS VITIMAS</li> </ul>	<p>O autor se auto refere como menino branco no lugar de dizer eu, percebe-se aí que ao mesmo tempo que o termo é ausente em raça é presente em raça, uma vez que tudo que é abstrato é branco, masculino e heterossexual.</p> <p>Ao utilizar o aposto podemos analisar em termos de conteúdo e traduzir que discursos de subalternização estão presentes na obra.</p>

Concluimos, então, que a partir da tentativa de enquadramento na tabela a mesma não seria suficiente para o trabalho que tentamos realizar, seria também repetitivo a leitura da tabela e a análise dos trechos dos capítulos trabalhados. Não que haja incapacidade de produção da tabela, o que há é a impossibilidade, pois estamos lidando com sutilezas tão etéreas que o simples destrinchar não seria suficiente em análise. Como pesquisadora da área de estudos de gênero e diversidade não me seria suficiente chegar apenas a Análise de Discurso sem equiparar as produções desse texto, produções que reiteram a nossa realidade todos os dias.

Apenas a análise do discurso e de conteúdo não dão conta dessas minúcias que o racismo e o sexismo perpetraram nos sujeitos. Como, por exemplo, o modo de racismo camuflado que leva os telespectadores da grande mídia televisiva a presenciarem verdadeiro circo dos horrores como o ocorrido no dia 05 de janeiro de 2014 no programa “Domingão do Faustão”. Nesse programa, um quadro com pretensões de inocência terminou por vitimar a única bailarina negra naquele estúdio de gravação. No momento em que essa era convidada a ir à frente do palco, um dado artista convidado era instado a abrir um envelope no qual o teor da brincadeira seria justamente que o mesmo escolhesse alguém na plateia e a comparasse com a mensagem que estava escrito na ficha que tinha em mãos. Pois justamente nessa ficha recomendava que o mesmo encontrasse alguém que não houvesse penteado os cabelos. O convidado, por sua vez, no uso dos racismos arraigados e camuflados compara tal informação com aquela jovem negra dançarina, uma nítida mensagem que aquele penteado black não estava nos padrões de beleza e estética que o ator considerava esperado. Para uma sociedade eurocêntrica como a que vivemos, negras/os ao usarem seus cabelos de modo natural terminam por serem estigmatizados e etiquetados por alguns membros da população brasileira como desleixados, feios, pouco higiênicos, dentre outras adjetivações negativas. Vigem nessa narrativa estabelecida por estas/es, a padronização dos modelos europeus ao qual essas/es pode ser considerado belo.

Parafraseando a Bell Hooks (2006 p.188): numa sociedade onde prevalece a supremacia branca, a vida de nós negras/os sempre é confrontada com questões políticas que explicam porque vivemos um sentimento de inferioridade e acabamos interiorizando o racismo. É este sentimento que permeia todos os dias a vida das mulheres negras e dos homens negros, um sentimento de inferioridade como experimentado por aquela bailarina no Programa do Faustão convidada para vir à frente nos momentos em que há pagode, samba, hip hop ou para ser desqualificada por causa do seu cabelo natural.

Vamos então à análise da primeira obra deste trabalho monográfico. Trata-se do livro “Preto e branco: a importância da cor da pele”<sup>3</sup> do jornalista Marco Frenette, diretor editorial da revista Golf Life e colunista do site da Confederação Brasileira de Golfe. Trabalhou como jornalista cultural da imprensa paulistana, onde escreveu sobre literatura, cinema, filosofia e sociologia. Dirigiu a Revista Acadêmica Saber e foi editor de música da Revista Bravo.

---

<sup>3</sup> Na capa do livro o título aparece com as letras minúsculas.

A leitura da biografia do referido autor nos remete a algumas perguntas: O que o golfe e mulheres negras têm em comum? Por que este homem branco decidiu falar de racismo e suas consequências? A obra em questão é uma “tentativa” do autor de uma discussão sobre o racismo e a sociedade brasileira e precisaríamos de uma tese e destas metodologias para analisar esta publicação.

A orelha do livro é escrita por Amélia Nascimento (2000), ex-editora da revista Raça Brasil. uma publicação que tem como objetivo principal resgatar a autoestima de negras/os e trazer a contribuição destas/es na construção da nossa sociedade. Em sua fala, a ex-editora explica que o autor não é só preocupado em discutir preconceitos, mas que faz isso se utilizando da verdade e que muitas pessoas ao abordar o tema nunca conseguiriam ser tão verdadeiras quanto o foi Frenette. Amélia Nascimento (2000) explica ainda, que o autor se indigna, se compromete e se envolve ao falar sobre o racismo e todo tipo de preconceito, por ele entender que o caminho da conscientização pode ser sofrido, lembrando que a inconsciência faz os homens perderem a dignidade.

De que sofrimento fala Amélia Nascimento (2000)? Do sofrimento de ser homem branco numa sociedade patriarcal, elitista, racista, de supremacia branca aonde a ele, o homem branco, majoritariamente, é permitida a ascensão social? O sofrimento talvez que o autor viveu ao narrar a experiência amorosa com uma mulher negra? O sofrimento de narrar sobre a sua vivência ainda em criança e dos privilégios a ele permitido pela sua branquitude (e da forma como tratava suas/seus colegas negras/os que com ele estudavam)? Teria Marco Frenette adquirido uma “consciência negra” tão perfeita que, para Amélia (2000), é a pessoa ideal para falar sobre racismo, a narrativa da vivência e a experiência do autor o legitimam perante ela para discutir as mazelas do racismo que a sociedade impõe a todas as pessoas negras?

Amélia (2000) ressalta ainda na orelha do livro a impossibilidade de nos afastarmos da emoção quando tratamos de um tema como o racismo. Aos olhos dessa comentadora, podemos afirmar que a questão racial atrelada a gênero realmente precisa ser discutida e levada a frente para que possamos desmontar juntas/os as dores do racismo e do sexismo impostos todos os dias as mulheres negras, o mesmo racismo que acomete também os homens negros. Não há a possibilidade de abandonar a emoção durante a leitura, uma vez que a própria Amélia (2000) nos diz que o racismo é tenebroso e, por muitas vezes, discutido de forma superficial. Ativistas negras/os vivenciam experiências frustrantes ao tentarem

discorrer sobre o tema. Por muitas vezes, sofrem as sanções de suas falas e são denominadas/os de racistas; trazem para a pauta uma discussão sobre as novas modalidades de racismo, uma vez que este tem se reinventado, ressignificado na sua perversidade. Ao identificarmos, nós ativistas negras/os estas novas modalidades de racismo, escutamos de alguns setores da sociedade brasileira, de que certas atitudes denunciadas pelo movimento negro são racistas porque tudo veem de forma racializada. Para eles, nas questões que vemos racismo, não passam de “mera coincidência”, razão pela qual tentam a todo momento afirmar o Brasil como um país não racista, donde vivemos uma democracia racial, reforçando sempre o argumento de que nós mulheres e homens negras/os, é que “vemos racismo em tudo”.

Retornando ao texto, o prefácio da obra é escrito pelo cantor, compositor, escritor, multi-instrumentista, editor de revistas e apresentador de TV, Lobão, o João Luiz Woerdenbag Filho. Aos olhos do prefaciador, o livro é classificado como “brutalmente esclarecedor, uma vez que “Preto e Branco revela as feridas abertas de um dos maiores tabus da sociedade brasileira: o racismo”. Mais adiante, o referido cantor revela que tal obra é de “fundamental importância” para repensar a questão racial no Brasil e que desses arcabouços de sociedades racistas surgem a consciência de periferia - refletida em consciência racial.

Os capítulos 2 e 4 da obra de Frenette, analisados neste trabalho, têm por título: “A pequena matilha” e “A aventura do homem branco”. Nesses dois capítulos o autor exercita o seu machismo e sexismo, sendo o capítulo 4, aquele em que ele narra a experiência de uma relação sexual com uma mulher negra.

No primeiro texto, temos a narrativa da experiência de crianças brancas nas classes iniciais de ensino e suas práticas diárias no convívio junto a crianças negras. O texto afirma a importância da cor da pele, enaltecendo a superioridade da raça branca, além do nos oferecer um relato acerca de como aconteciam as “brincadeiras de infância” durante o convívio entre estas crianças dentro dos muros da escola. Vale lembrar a escola enquanto um espaço conhecido e reconhecido como via de exclusão e fomento de violências, não só produzida pelo Estado, mas pelo mundo. O autor, situa o leitor de sua obra, sobre como pensavam algumas crianças acerca da branquitude de suas peles e como, inversamente, desqualificavam e até espancavam as crianças de cor. Segundo Frenette (2000):

Importante mesmo é a clareza do invólucro. É um dom de Deus ter uma dessas peles que não toleram qualquer descuido sob o sol, e cujas

transparências denunciam os processos inferiores que desembocam em fortes ruborizações. Esse é o meu caso. Sou de tal branquitude que minhas veias são como minúsculos rios verdes a percorrerem a superfície do meu corpo. Mas os olhos, em compensação, têm uma capacidade onde só os meus antepassados europeus conseguiram penetrar. Com esses olhos de branco, identifico incansavelmente todos os que são de minha raça, porque, desde cedo aprendi a ter orgulho da minha clareza... Criança ainda, já me ensinavam a louvar a monotonia da brancura, enquanto ia confundindo a pele escura com ausência de dignidade e bravura. (FRENETTE, 2000, p. 21)

Aprendemos com o líder negro Nelson Mandela que: “uma vez que pessoas aprenderam o ódio, a elas pode ser ensinado o amor”. Podemos perceber que nenhuma criança nasce racista, nenhuma pessoa nasce racista, essas pessoas aprendem com outras pessoas, desenvolvem, junto com elas, as convicções racialistas. Esse ideal de branquitude trazido no texto reforça o pensamento de muitas/os brancas/os que enxergam na clareza de suas peles uma concepção de superioridade. Ao longo dos anos, observamos que na sociedade Brasileira, ainda encontramos mulheres e homens brancas/os que acreditam em conceitos racialistas tais como os apresentados no livro, donde essas imagens, pensamentos e ações, são praticadas por essa elite branca, têm deixado marcas profundas nas/nos negras/os brasileiras/os. Essas marcas, ao abalarem a autoestima, fazem com que muitas/os mulheres e homens negras/os se sintam envergonhadas/os, desprezando o fato sua identidade racial.

Conforme afirma Guimarães (1999, p. 11): “o racismo é, portanto, uma forma bastante específica de ‘naturalizar’ a vida social, isto é, de explicar diferenças tomadas como naturais”. Não é à toa que crianças brancas, criadas por famílias com tendências racistas, fatalmente, em sua grande maioria, tendem a desenvolver uma consciência racialista, na qual se utilizará da sua branquitude para excluir, humilhar e desqualificar outras crianças e/ou adultos baseado na cor, uma vez que no seu dia a dia convive com discursos de superioridade racial que só reforça a crença de que sua raça é superior às outras. Para Vera Neusa Lopes,

As pessoas não herdam, geneticamente, idéias de racismo, sentimentos de preconceitos e modo de exercitar discriminação, antes os desenvolvem com seus pares, na família, no trabalho, no grupo religioso, na escola. Da mesma forma, podem aprender a ser ou tornar-se preconceituosos e discriminadores em relação a povos e nações. (LOPES, 2005, p. 188)

A escola se constitui como o maior espaço de exclusão para a criança negra, ao ser confrontada todos os dias com posturas racistas que insistem em fazê-la acreditar que aquele não é o seu lugar, uma vez que ela/e não tem intelecto

suficiente para os estudos, ou ela/e precisa trabalhar para ajudar em casa. Nesse processo de exclusão, essas crianças, adolescentes e jovens negros deixam de se sentir à vontade na escola, razão pela qual evadem por não se sentirem parte daquele local que deveria acolhe-la/lo ao invés de expulsa-la/lo. É importante que a criança negra tenha valorizada a sua imagem para que possa enfrentar, de acordo com sua maturidade, as ocorrências diárias da escola. Impossível para uma criança negra conviver com os estereótipos que lhe são colocados diariamente na escola. É de fundamental relevância que jovens, crianças, mulheres, homens negros/os tenham modelos negros positivos para que possam se orgulhar da sua negritude, se enxergando nestes modelos profícuos.

Não precisamos nos esforçar muito para perceber como ocorriam as inocentes brincadeiras descritas por Frenette e como estas crianças negras se sentiam no ambiente escolar ao tentar se aproximar da “pequena matilha” - nome que o mesmo intitula o grupo de crianças brancas que fazia parte na sua infância (e que intitula este capítulo também). Com certeza, as crianças negras eram devoradas/os em sua autoestima pelos ditos pequenos lobos brancos... a criança negra, no afã de querer participar das brincadeiras, eram excluídas das recreações entre os colegas, exclusão motivada pela cor da sua pele e/ou raça/etnia. E assim segue a narrativa das denominadas “inocentes brincadeiras escolares”,

Sim, ainda éramos crianças, mas desde sempre receptivos a todo comportamento infame que pudéssemos aprender... Criança que éramos, anões morais. E a crueldade que exercitávamos nos trazia um reconfortante sentimento de superioridade... Era uma contida felicidade por não ser negro. Um júbilo ordinário por nunca correr de - por um instante que fosse, e como que por efeito de um estranho mimetismo - sumir das vistas dos colegas numa noite escura em que se brincava de pega-pega, só a parte branca dos olhos escapando do breu... E como nos divertíamos quando esse mimetismo ocorria! ...Gostávamos de ter um pretinho por perto para nos sentirmos melhor do que ele. (LOPES, 2005, p. 22 - 23)

Assim, Vera Neusa Lopes (2005) traz alguns contrapontos que acredita que devem ser utilizados em sala de aula para o fortalecimento da cidadania da criança negra - o que seria de enorme valia nos dias atuais caso houvesse mais educadoras/es preocupadas/os com o resgate da cidadania e auto estima da criança negra, dando a elas a possibilidade de uma vivencia escolar saudável e evitando muitas dores. Sem nos esquecer do quão importante se faz que a criança seja educada dentro de padrões de respeito ao outro, respeito a diversidade para que não reproduza os estereótipos que aí estão.

Aprendendo a se ver, a ver o seu entorno (família, amigos, comunidade imediata) de modo objetivo e crítico, a comparar todos elementos com os de outros tempos e lugares, a criança desenvolve comportamentos adequados para viver numa sociedade democrática. (LOPES, 2005, p. 189)

Logo, se faz necessário que as crianças aprendam desde cedo a conviver com as diferenças, aprendendo o respeito para com essas diferenças de maneira que possam exercitar o ser cidadão. Desde cedo, a convivência com a diversidade seria um ponto importante para termos mulheres e homens mais comprometidos com a alteridade.

Outro fato narrado pelo autor e dito por ele ter sido “significativo” em sua vida, ocorreu aos 11 anos, na mesma escola palco dessas brincadeiras discriminativas, momento o qual nomeia o acontecimento como “um dos incidentes mais importantes da sua vida” no qual reconhece como norteador para que o mesmo percebesse que lhe haviam ensinado “imundices”. Conta ele a conversa com uma menina negra, colega de escola, de nome Sara a qual lhe declarou seu amor durante um dos intervalos. Afirma ter sentido vergonha de ser visto naquela situação, recusando ao pedido daquela garota, restou-lhe apenas observar o semblante triste da menina:

Ao ouvir a recusa, ela fixou seus grandes e belos olhos em mim, e abaixou a cabeça. Não tinha entendido minha atitude... Quando ela novamente me encarou, soltou a corajosa e necessária pergunta: “Você não quer namorar comigo porque sou preta, não é?” Seus olhos estavam mareados, e vi, através deles, uma tristeza e um tipo de sofrimento que não sabia existir. Minha resposta à sua pergunta foi meu mutismo, pois já tinha me refugiado no casulo de minha covardia, totalmente acossado pelo amor sincero de uma menina que me via além do meu compromisso com a minha matilha. Mas qualquer resposta seria mesmo desnecessária: já sabíamos muito bem qual era a verdade. Éramos um menino branco e uma menina negra, ambos vítimas, cada um a seu modo, da estupidez da educação que recebíamos. (FRENETTE, 2000, p. 24 - 25)

Fato significativo, este acontecimento provavelmente tenha marcado a vida afetiva dessa criança que, ao tornar-se uma mulher, com certeza nunca esqueceu este momento de desprezo (e deve carregar até os dias atuais o preterimento do menino que era seu primeiro amor). Esse tipo de preterimento é vivido reiteradamente por meninas e mulheres negras, seja por parte de homens brancos, seja por parte de homens negros. Para as meninas negras, os primeiros aprendizados dessas decepções e que, infelizmente, para as mulheres negras, essas rejeições são vivências cotidianas.

Ainda nessa questão o autor afirma sobre a jovem Sara que “ela sofria bem mais, pois a vergonha de se descobrir menor dói muito menos que uma absurda rejeição baseada na cor da pele” (FRENETTE, 2000, p. 25). Mais uma vez o autor enaltece a “sua” dor em detrimento da dor alheia. Frenette consegue tentar traçar parâmetros entre os sentimentos vividos por ele e aquela menina, se esforçando por demarcar o seu sofrimento, quando se percebeu uma pessoa mesquinha, pequena, excludente, enfim, racista. Ele afirma que a dor da rejeição é maior, afinal essa dor pode sim ser bem maior, pois como afirmei acima a dor da exclusão sofrida pelas mulheres negras as acompanha em diferentes momentos da vida e se comparada a dele, homem branco, heterossexual, patriarcal pode ser até um troféu para contar nas rodas de amigos. É justamente esse olhar da exclusão que estará evidenciado no capítulo 4 da sua obra e que analisaremos a seguir.

## **2.1 A AVENTURA DO HOMEM BRANCO - ANÁLISE DO CAPITULO**

No seu quarto capítulo, o escritor discorre sobre a experiência sexual vivida pelo homem branco com uma mulher negra. Permeado de falas extremamente perversas, o autor faz alusão aos atributos físicos da mulher negra e à sua capacidade sexual, num misto desprezível de hipersexualização, objetificação e promiscuidade. Frenette(2000) inicia o capítulo assinalando que a “mulher negra ocupa um lugar de destaque no imaginário do homem branco. Ela é, ao mesmo tempo, um objeto de desejo e um ser que está fora de seu campo de expectativas duradouras” (FRENETTE, 2000, p. 35). Apenas quatro laudas compõem este capítulo, que inicia exatamente com esta observação acima, momento em que ele aproveita para discorrer sobre a deserção dos homens negros e não negros para com a mulher negra.

Sueli Carneiro (2002) evidenciou algumas causas que levariam muitas vezes mulheres negras a buscarem estas relações: para ela, estes envolvimento se dão a partir da

“consciência da desvalorização estética e, conseqüentemente, à rejeição de que são vítimas no mercado afetivo interno, a condição de mulheres disponíveis nesse mercado (de “graça” ou por “precinho” módico), a ausência de condições dignas de sobrevivência que perpetua o destino herdado da escravidão, levam estas mulheres a projetarem no mundo distante e idealizado, habitado por ricos homens de olhos azuis, a concretização de uma abolição que de fato nunca conheceram.” (CARNEIRO, 2002, p. 179).



Ao se envolverem nestas relações afetivo-sexuais, muitas mulheres desejam um relacionamento no qual possam ser amadas e respeitadas pelos seus pares; assim, acreditamos que quando, nos termos acima, mulheres negras se envolvem com homens brancos e/ou negros a sua expectativa é de se adensar em uma relação afetiva duradoura e respeitosa.

Não tem sido fácil a vida da mulher negra na sociedade brasileira onde ainda é tão presente a visão estereotipada por parte da comunidade masculina. Visões dessa natureza acompanham toda a vida das mulheres negras, fazendo com que as mesmas sejam rejeitadas pelos homens negros e, também, pelos homens brancos, estes na sua grande maioria, dispensam à mulher negra um olhar que estará diretamente ligado a sexualidade, algo que a torna desejável apenas para momentos fugazes e para satisfazer o fetiche e a curiosidade de como deve ser a tão falada performance sexual da mulher negra tão apregoada por outros homens. Essa escolha unilateral, este não aposta por relações amorosas estáveis por parte desses homens brancos e negros em relação às mulheres negras é algo tão perverso que perpassa também por uma gradação de cor, uma vez que quanto mais escura for a cor da pele de uma mulher, mais a colocará de fora da preferência afetiva, de ser a escolhida por negros e não negros.

A rejeição da mulher negra pelos homens negros e não negros muito tem sido estudada, discutida, debatida e ainda muito temos o que debater sobre esse assunto. Esta recusa nos leva a pensar no modo como o sexismo e o racismo permeiam estas relações. Lembrando Lélia Gonzalez (1984, p. 224) quando esta analisou que o racismo articulado ao sexismo produz efeitos violentos, em especial, sobre a mulher negra, sobretudo porque estes determinam como encaram a sua sexualidade, suas relações afetivas-sexuais e familiares.

Se observarmos que mesmo os companheiros de luta em ativismo e militância da causa negra, estes que deveriam ser coerentes com o discurso, se utilizam das mesmas formas de exclusão, opressão e falta de amor– (e não falamos só de relações afetivo-sexuais, mas também das relações interpessoais como um todo), o quanto essa forma de rejeição (e tudo que nela é inter cruzado) afeta a saúde emocional de negras/os, algo que é certamente ampliado no tocante à mulher negra.

Bell Hooks (2005) sentencia que temos medo de discutir estas verdades e a

falta desta discussão se faz, em grande parte, por ser ela tão sofrida e, por esse motivo, deixamos de falar sobre elas abertamente, aceitando a rejeição como algo que faz parte de nossas vidas - um repúdio e falta de amor que, segundo a autora, se iniciou com a escravização e nos acompanha até hoje. Em “Vivendo de Amor”, Hooks (2005) alerta para a necessidade de trazermos a discussão sobre as sequelas deixadas para nós pela presença destes sentimentos, para que possamos vencer a mazela deixada por uma herança de corpos escravizados. Descobrimos na falta de amor, na camuflagem de sentimentos, uma forma de vencer as dores deixadas pelos anos de cativo herdados de nossos antepassados.

A visão que permeia a maioria das falas contidas na citada obra de Frenette (2000, p. 36 - 37) pactua da visão da maioria da sociedade brasileira, isto é: “a mulher negra, apesar de toda sua graça e elegância, é considerada, tanto pela maioria preta como pela maioria branca, mercadoria de valor inferior no mercado amoroso”. Vistas/os como mercadoria, como pessoas desprovidas da capacidade intelectual, enaltecida apenas pela beleza dos seus corpos, essa é a visão destinada a negras/os e para a mulher. Estes olhares recaem com maior grau de perversidade, ao considerarem ela “carne barata”, valor inferior no mercado afetivo e não digno das escolhas masculinas, coisificada e estereotipada, assim seguem, naturalizadas e estereotipadas, as várias formas de enxergar as mulheres negras.

O autor se beneficia do suposto conhecimento sobre o preterimento e abandono da mulher negra no mercado amoroso; faz uso de falas racistas e sexistas, lapidadas pela explicação de não serem suas as expressões que desqualificam a mulher negra, classificando as falas como “horrorosa expressão” sobre a mulher negra. Ao classificar a mulher negra como “mercadoria de valor inferior no mercado amoroso” Frenette (2000, p. 37) denuncia que esta frase foi cunhada pelo também escritor Erich Fromm, e que a reprodução e utilização de tais palavras em seu livro é apenas para ilustrar o que pensam os homens brancos sobre as mulheres negras.

Entretanto, expressões como a “Vitória do Buana sobre a mulher negra” continuam a narrativa. Essa seria a vitória do intitulado mestre e senhor - o assim denominado homem branco -, pois, seria aquele que tem a propriedade, que desfruta do poder de posse sobre a mulher negra, a quem busca para ter todas as sensações as quais ele acredita lhes serem permitidas exigir do corpo da mulher. Nesta representação de uma pseudo relação afetiva, nos remetemos a uma posse

similar àquela que acontecia nas senzalas, quando mulheres escravizadas eram estupradas pelos senhores de engenho e pelos capatazes. Estes estupro coloniais, já denunciado por Sueli Carneiro (2002), foram por muitas vezes considerados por alguns autores da época como relações amorosas e perfeitamente normais.

O abandono, a falta de afetividade, a hipersexualização são assuntos bastante delicados, sobre os quais muitas mulheres negras se negam a falar. É possível interpretar essa recusa como algo que vai além do desejo de guardar estas verdades por simplesmente não querer discuti-las, pois é um direito das mulheres negras não terem a sua imagem continuamente ligada a sua sexualidade. Há muito tempo temos uma imagem ligada, prioritariamente, ao nosso corpo e a uma sexualidade dominante, muitas vezes sendo enaltecidas e cantadas pelo louvor a qualidades que não queremos e nem desejamos para nós mulheres negras.

A mulher negra quer ser reconhecida pela sua capacidade intelectual e não por sua forma física; a mulher negra precisa ser respeitada e não ser tratada como o exótico, a “carne barata”, a “de fácil acesso”. Patricia Hill Collins (1990) afirma que esta objetificação e dominação serve aos interesses sexuais do homem branco e o auxiliam a perpetuar a sua teia de opressões e, muitas vezes, se não há discussão aberta sobre o tema é por medo ou vergonha, sentimentos fortemente presentes nestas mulheres, sempre expostas ao conjunto dessas violências.

Voltando ao texto, Frenette (2000) segue narrando a experiência de uma relação sexual com uma mulher negra, o que nos provoca, muitas vezes, uma forte repulsa durante a leitura, diante das falas que se referiam ao cheiro, ao gemido da mulher negra durante o ato sexual, culminando com a afirmação de que “sente a especial doçura de uma raça forte e discriminada” (Frenette, 2000, p. 38). Assim, o corpo, o cabelo e a sexualidade estão fortemente presentes no texto apresentado, criticando e fazendo menções que desqualificam o cabelo da mulher negra (este sempre criticado) e vai causar inquietações em negros e não negros. O autor dá vazão ao seu racismo e sexismo, levantando suas críticas ao cabelo da mulher negra, esse item tão falado, tão divulgado e tão fora da mídia, que nos faz percebermos o quanto este elemento “incomoda” não só aos brancos, mas próprias/os negras/os. O cabelo da mulher negra vai sendo discutido e estigmatizado nestas novas e atualizadas modalidades de racismo; são falas capazes de mexer com a consciência, a autoestima e a dignidade da mulher negra e do homem negro. Mais uma vez, uma referência a Bell Hooks (2005) que, ao tratar

sobre cabelo e autoestima, afirma:

As respostas aos estilos de penteado naturais usados por mulheres negras revelam comumente como o nosso cabelo é percebido na cultura branca: não só como feio, como também atemorizante. Nós tendemos a interiorizar esse medo. O grau em que nos sentimos cómodas com o nosso cabelo reflete os nossos sentimentos gerais sobre o nosso corpo. (HOOKS, on-line, 2005 p. 04)

Infelizmente, um homem branco não poderia entender o posicionamento político presente na postura da mulher negra ao assumir seu cabelo natural. Essa posição, muitas vezes está ligada a sua militância política, com o reforço da sua identidade enquanto mulher negra, sendo um grito à sociedade de que é possível conviver bem com (e gostar de) cabelos crespos. A autora Ângela Figueiredo (2002, p.2) discute assertivamente sobre posturas políticas e ativismo quando nos explica também que “do ponto de vista da militância negra, o cabelo é um fator importante para marcar a diferença no discurso sobre a identidade ...O cabelo é, dentre os fenótipos negros, aquele que pode e deve ser manipulado quando desejado”. Logo, cabe à mulher desejar ou não usá-lo naturalmente e a sociedade como um todo resta respeitar-lhe a conduta adotada.

O autor prossegue sua narrativa sobre a experiência sexual vivenciada com a mulher negra, através de um relato minucioso das sensações por ele sentida, conforme podemos acompanhar abaixo:

Na cama, a sensação que um branco tem ao tocar pela primeira vez uma pele negra vale por um orgasmo anunciado. O primeiro toque é um verdadeiro encontro com o inusitado: prenuncio de um novo mundo de formas e sensações. O que o branco toca não é apenas a diferença de cor cobrindo uma carne que ele tanto deseja; a sensação daquele noturno veludo ao alcance de suas mãos equivale a sagração da vitória do buana sobre a mulher negra. Esse primeiro toque que vem acompanhado de um gemido ancestral que não tem a ver apenas com desejo. O gemido que se ouve vem mais do inconfessável prazer de constatar que está prestes a provar do fruto exótico e proibido. É um gemido que o gemedor não imaginava que fosse dar; e mais de um branco não racista já se envergonhou desse som gutural e semiprimal, para imediatamente tomar consciência de que não é tão inocente quanto pensava dentro de um processo coletivo de discriminação racial... sente o cheiro diferente exalado pela pele escura, e, pela primeira vez, tenta passear suas mãos pelos cabelos da parceira, e sente que há ali um impedimento que exige mãos ágeis e delicadas ao mesmo tempo: é a dureza de um cabelo que não serve para anuncio de xampu e que exige carinhos especiais. A partir daí, não tem mais o gemido inicial. O que fica é apenas a sensação desagradável de não saber lidar com uma selva de cabelos. Então, limitam-se os carinhos a nuca, enquanto se descortina na mulher que o recebe a alvura de um inesperado e doce sorriso. No desenrolar dessa singular relação, o que se fortalece é a impressão de que não está acontecendo uma troca de amor e prazer entre iguais: o branco sente como se estivesse numa aventura com

um ser feminino de uma outra espécie. É como praticar zoofilia num grau mais elevado; ter uma relação extraterrestre; um contato íntimo com o imponderável. E, quando chega a hora da descarga orgástica, algo lá no fundo do inconsciente vence alguns níveis de repressão, atingindo a consciência daquele que se contorce em espasmos. É quando uma voz profunda e interior o faz repetir mentalmente uma frase tão triste quanto reveladora de um lamentável estado de coisas: “Meu Deus, estou transando com uma negra.” (FRENETTE, 2000, p. 37 - 38).

Parece estranho, para não usar a classificação de leviano, um autor declarar-se sensível à causa negra, se dizer respeitoso com as questões raciais, mas, utilizar-se de expressões e de um texto que estereotipa, hipersexualiza, desqualifica e minimiza a mulher negra, reduzindo-a a hediondas classificações. Para Sueli Carneiro (2002, p.178), estamos diante de um “continuum histórico”, que mantém a tradição do abuso sexual e do uso corpo da mulher negra, a partir de diferentes matizes, quando o tratamento dispensado a uma mulher negra vai se modificando a partir de uma gradação de cor. Um abuso, denominado pelo autor como zoofilia, ou seja, o humano que mantém relação sexual com alguém de outra espécie, o “ser humano superior”, branco, que, desde cedo, aprendeu que o “importante mesmo é a clareza do invólucro”, como explica o autor em sua obra. Mas, não sendo o invólucro de clareza igual, é uma outra espécie, é um animal, torna-se um ser que pode ser desrespeitado e tratado com requintes de desprezo e crueldade.

Existem outros autores que defendem de forma bastante equivocada esta interracialidade nos relacionamentos afetivos, autores como Gilberto Freyre (2003) acreditavam até que as mulatas, as negras, elas eram mais amadas que as brancas uma vez que eram da preferência dos senhores e dos seus jovens filhos.

É verdade que as condições sociais do desenvolvimento do menino nos antigos engenhos de açúcar do Brasil, como nas plantações ante-bellum da Virgínia e das Carolinas - do menino sempre rodeado de negra ou mulata fácil - talvez explique por si só, aquela predileção. Conhecem-se casos no Brasil não só de predileção, mas de exclusivismo: homens que só gozam com negra. De rapaz de importante família rural de Pernambuco conta a tradição que foi impossível aos pais promoverem-lhe o casamento com primas ou outras moças brancas de famílias igualmente ilustres. Só queria saber de molecas. (FREYRE, 2003, p. 368)

Todavia, muitas mulheres negras, ao tratar de temas como afeto, amor e rejeição, são rotuladas de “equivocadas” ou “ressentidas” e até mesmo de “racistas ao contrário”. No movimento negro, por exemplo, a tentativa compreender, publicar ou discutir essas deserções masculinas em relação as mulheres negras (ou o

porquê elas não são consideradas para a formação de parselhas, de laços afetivos) é um tema que recebe críticas sempre acompanhadas do argumento de que as mulheres negras estão com ódio dos homens negros, isso quando não apelam para desqualificação da sexualidade dessas mulheres, as alcunhando de “sapatas”, “sapatonas” ou que agora “gostam de mulher”, dentre outras observações. Silvana Bispo (2011) nos fala sobre os estereótipos reproduzidos ao longo dos anos sobre a mulher negra:

As condições que constituíram eixos de estereotípias em relação às mulheres negras, partiram de construções sócio-históricas. As justificativas que atravessaram a empresa colonial e lograram fortalecimento no século XIX e início do XX, como os projetos higienistas e as teorias raciais, apesar das ressignificações, continuam tendo ressonância na contemporaneidade, na medida em que as populações negras, como herdeiras da experiência do escravismo, que foi “a mais extrema das formas de opressão racial na história brasileira” (ANDREWS, 1991, p. 40), têm que conviver com um nível, extremamente alto, de exclusão, invisibilidade, estigmatização e indiferença. (BISPO, 2011, p. 85)

Estas construções históricas, indiferenças, invisibilidades atingem a mulher negra de forma ainda mais significativa, porque se através da raça ela vive estas construções, através do gênero também ela vivenciará o sexismo, e estas estereotípias que as acompanham até os dias atuais. Essa é a razão pela qual percebemos mulheres negras se esquivando de apostar em novos relacionamentos por terem tido sua autoestima maculada por homens negros e não negros que insistem em desqualificá-las, marcando para sempre suas trajetórias amorosas.

Homens como o autor desta publicação ou mesmo homens negros que insistem em não enxergá-las para uma parceria afetiva e, se pensamos em termos de ativismo político, ainda são mantidas preferencialmente no papel de “tarefeiras”, em especial, nas questões vistas como tipicamente femininas como na organização de seminários, convites, buffets e aquelas pautas que acreditam serem “destinadas” para as mulheres, e estas ocorrências estão presentes mesmo em organizações do movimento negro que trazem em sua pauta de discussão o empoderamento feminino, as mulheres negras continuam sem serem consideradas para estarem a frente das decisões ou responsáveis por estes setores de decisão.

### **3. O QUE A OBRA “FALCÃO: MULHERES E O TRÁFICO” TEM A NOS DIZER SOBRE RACISMO E SEXISMO**

O livro “Falcão: Mulheres e o tráfico” é a segunda obra analisada neste trabalho; nasce do projeto “Falcão - Meninos do tráfico”, os autores informam que não houve a intenção de falar das mulheres do tráfico, os mesmos se sentiram levados a trabalhar com as mulheres por terem observado a presença constante delas no narcotráfico, seus posicionamentos e atuação também como chefes do tráfico, conforme relatam:

Ao começar o projeto, não tínhamos noção da dimensão dessa presença, ou de como ela se dava. Diante do que descobrimos, poderíamos até ter criado um espaço independente, especial dentro do projeto Falcão, Meninos do Tráfico, mas acreditamos que encontramos uma solução melhor: apresentar um novo projeto dedicado inteiramente a elas, mais do que justo pela presença marcante delas nos momentos e fatos que acompanhamos, por suas dores, angústias, vitórias e derrotas. (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 8)

A obra nasce desta experiência dos escritores, na convivência de mulheres que vivem e/ou convivem com o tráfico nas mais diferentes formas de envolvimento; são mães, companheiras, usuárias, irmãs, donas de boca. Na dedicatória do livro, os autores aproveitam e deixam a essas mulheres um recado sobre como usarão suas falas na obra “prometemos não falar por vocês em nenhuma linha desse livro, vamos simplesmente falar de vocês e para vocês.”. (ATHAYDE; BILL 2007, p.8).

Discutiremos o quarto capítulo “A Lei da Dona Leda” e o sétimo capítulo da obra, de nome “A boqueteira”. No primeiro capítulo analisado, faremos abordagens sucintas, pontuando apenas algumas falas, numa passagem superficial. No capítulo seguinte, “A boqueteira”, sentimos a necessidade de realizar uma trajetória mais dialogada com a literatura pertinente, estabelecendo interconexões entre o racismo e o sexismo contidos nas falas proferidas pelos autores, tudo isso sem o aprofundamento que a temática e a obra merecem. Uma análise de todo o livro mereceria a obrigação de discutir as diversas violências e suas causas e, para tanto, não dispomos do tempo desejado para tal pesquisa e aqui fazemos questão, a cada capítulo, de lembrar que nossas análises têm sido discretas. Precisaríamos de tempo para um delicado trabalho de levantamento de dados, bem como para entendermos e trabalharmos com as denúncias trazidas por Lélia Gonzalez (1979), há tantas décadas atrás, ao revelar a problemática da Juventude negra e o desemprego. A época, a autora já dizia que jovens negras/os eram maioria e faziam

parte de uma “massa marginal crescente”, pois, entendia esta autora que o desemprego, a falta de oportunidade, associado a outros marcadores, eram os culpados pelo crescimento destes dados de violência que insistiam em crescer a cada dia.

Para Athayde e MV Bill (2007), ao iniciarem sua incursão pelo mundo dessas/es jovens, foram exatos oito anos de convivência com a presença também destas mulheres, todo este tempo dedicados a pesquisa e as filmagens do documentário Falcão Meninos do Tráfico e a construção do livro, nestes momentos os autores perceberam que era necessário mostrar o enorme problema que se delineava a frente da população brasileira com a expansão do narcotráfico e o envolvimento das/os jovens com as drogas e como estava fazendo parte do cotidiano delas/es. O entrosamento entre essas/es jovens, ocorria das mais diversas formas, desde o contato que as jovens mantinham devido a uma relação afetiva, até o sofrimento que esta implicação causava a mães, irmãs e parentes.

O problema das drogas no Brasil tornou-se um problema grave, o tráfico tem ceifado das famílias várias/os jovens, envolvidos das mais diversas formas, desde o uso de drogas, até uma morte por bala perdida, ou em confronto de policiais e traficantes. A violência tem produzido dados alarmantes nas capitais do país e, segundo o mapa da violência de 2013, aponta que

Os níveis de violência que ceifam a juventude das capitais chegam, em diversos estados, a limites absurdos. Não podem ter outra qualificação taxas como as de Maceió, que atingiram a inaceitável marca de 288,1 homicídios por 100 mil jovens; ou as de João Pessoa, de 215,1 no ano de 2011. (WAISELFISZ, 2013, p. 56)

São estes níveis de violência causados na sua grande parte pelo narcotráfico, um problema social grave e que só tende a aumentar se as autoridades responsáveis não entenderem que a falta de educação básica, de acesso à saúde e de políticas públicas de criação de emprego e divisão igualitária de salários possa diminuir parte dessa violência. Sobre essa questão Lélia Gonzalez (1979) já denunciava com bastante propriedade em fins dos anos 70:

Na medida em que mais da metade da população brasileira é construída por menores de 21 anos, e que a maioria da população brasileira é, na verdade afro-brasileira, constata-se o grave problema em que se encontra a juventude: o desemprego (aberto ou não). Existem atualmente no Brasil cerca de 16 milhões de adolescentes e jovens totalmente entregues a própria sorte, sem a menor perspectiva de vida; ou melhor, sua única perspectiva se constitui no banditismo e na morte. Desnecessário dizer que



são negros em sua maioria. (GONZALEZ, 1979a, p.2)

Essa denúncia de Lélia há exatos 35 anos continua muito atual. A falta de acesso à cidadania só cria e aumenta a revolta de vários segmentos da população, a instalação de UP-Unidades de Polícia e UPP-Unidade Pacificadora de Polícia não têm ajudado muito, visto que este projeto nasce com uma estratégia de manter negras/os dentro do seu bairro e monitorar a entrada e saída destes, o que os moradores destes locais desejam tem o nome de “segurança”. Se, em vez de oferecer unidades policiais a/o jovem negra/o, lhe fosse permitido acesso à educação, mercado de trabalho, oportunizando a conquista de direitos básicos - como saúde, educação, moradia e emprego -, certamente haveria a diminuição dos índices de violência e conseqüentemente o narcotráfico não se apoderaria das/dos nossas/os jovens.

É para abordar essa realidade do narcotráfico nas várias capitais do Brasil que Athayde e Bill (2007) viajaram o país, visitando favelas e bocas de fumo em diversas cidades, muitas vezes “enquadrados” pela polícia, em nome de um projeto que tinha como objetivo principal falar dessa realidade que assola as grandes metrópoles. Primeiro discorrendo sobre a vida dos meninos e seus relatos, e logo após falando das meninas, onde várias mulheres, das mais diferentes idades, estavam envolvidas também das mais diferentes formas, com o narcotráfico. Relataram sua vivência e experiência no submundo, mulheres que mesmo não sendo usuárias, ou chefes de boca, são companheiras, irmãs, mães e vivem e convivem com esta realidade, seja qual for a forma de convivência apresentada.

Os autores nos trazem essas experiências, mostrando passagens com relatos emocionantes e emocionados de quem perdeu filhas/os, amigas/os. São muitas/os jovens que tombaram pelo tráfico e que, não fosse o envolvimento com o tráfico, poderiam estar vivos e desfrutando do convívio com suas famílias. Relatos de mães e irmãs para quem hoje só resta a saudade, relatos de famílias inteiras envolvidas e, por conviver dentro de todo este contexto, os autores resolvem falar dessas pessoas e desses acontecimentos. Refletem sobre a presença das mulheres no tráfico pontuando a atuação delas como mães, irmãs, esposas, reforçam ser essa presença nem sempre ligada a uma atuação direta com o tráfico, mas, quando envolvidas, estão ligadas diretamente à afetividade e aos laços de família.

O tráfico entra na vida dessas mulheres marcando espaços e envolvendo-

as, muitas vezes ainda meninas, dizimando famílias. A entrada de pessoas para a criminalidade tem se dado cada dia mais cedo, realidade vivida por muitas/os meninas/os oriundas/os de periferias, e isso se faz, entre outros fatores, por falta de políticas públicas educacionais eficientes para envolver as/os jovens em bons projetos de capacitação, preparando-lhes para o mercado de trabalho. A Lei de aprendizagem<sup>4</sup> não dá conta de inserir todos os jovens a partir de 14 anos no mundo laborativo. As empresas, em sua grande maioria destituída de responsabilidade social, visam apenas o lucro e o ganho exagerado, driblam a lei e não abrem vagas para a inserção das/os jovens e quando o fazem o número de vagas é mínimo e as escolhas são particulares. Há relatos de jovens inseridas/os no trabalho formal que, com o salário que ganham, auxiliam nas despesas da casa e evitam de se envolverem com o tráfico.

Muitas/os jovens entram para o tráfico, a princípio pela possibilidade de obtenção de ganho financeiro mais rápido, e/ou pela influência de conhecidas/os através de convites e da sedução que muitas/os enxergam no submundo, além da necessidade quando estas/es jovens percebem que suas mães são chefes de família e desejam e/ou precisam ajudar de alguma maneira na manutenção da casa, estes ganhos muitas vezes circulam dentro da casa do jovem dando um suporte financeiro à família. Muitas vezes são também filhas/os de pai/mãe desempregadas/os, ou recebem baixos salários sem a possibilidade de oferecer a suas famílias um mínimo necessário. São baixos salários provenientes do preconceito, do racismo, da falta de igualdade de oportunidade, ocasionando assim um estreitamento econômico e social eles e elas por muitas vezes buscam formas alternativas, embora não aceitáveis de trazer algum dinheiro e ajudar no orçamento doméstico.

Ainda no quarto capítulo a visão dos escritores e a naturalização do racismo, aparece nas falas proferidas por Athayde e Bill (2007) ao relatarem enxergar a presença da/o negra/o na favela ou nas periferias, com naturalidade, se surpreendem quando se vê confrontado, em um dos seus encontros, na prisão, com a presença de mulheres e homens brancas/os reclusos no sistema carcerário e

---

<sup>4</sup> A Lei Federal 10.097/00 foi criada no governo FHC com intenção de que o jovem entre 14 a 24 anos possa estar no trabalho formal com seus direitos garantidos desde a carteira assinada até a frequência a escola, sem que haja ônus para a escola, nem para a atividade laboral. O jovem deve estar matriculado para que possa fazer a aprendizagem, no turno oposto. Porém, as empresas se negam a acatar a lei, uma vez que são obrigadas a completarem o quadro com 10% de aprendizes, em instituições com mais de 10 funcionários.

participando da criminalidade. Fica nítida a não aceitação pelo autor do homem ou mulher branca/o no mundo carcerário, reforçando uma ideologia de que para estes destinam-se espaços de poder. Para eles é normal a presença de pessoas de cor nos presídios, no comando do tráfico, e, em contrapartida a participação de negras/os vivendo a margem da sociedade é naturalizado por Athayde ao enfatizar a tristeza que sentiu diante desta constatação,

Fiquei triste pacas - ver alguém preso é sempre deprimente, mesmo que o preso mereça a punição. Ver alguém que mais parece o filho da Hebe Camargo, preso injustamente é triplamente triste. Afinal, cadeia é coisa de preto. Quando vemos um louro dá uma sensação de injustiça. É como ver um lourinho, com a cara do poder pedindo esmola. Aliás, quem já viu campanha publicitária na TV pedindo doação para os pobres com a imagem de duas crianças branquinhas? Nesse caso, a doação pode ser um fracasso. Mas isso é viagem minha. Apesar de que, no fundo, eu acabo sendo picado pela mosca do preconceito, que tanto crítico e repudio. Basta ver que os pretos que estavam no presidio não me tocaram tanto, como se lá fosse o lugar deles mesmo. (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 87)

O choque de realidade, ao presenciar a participação de brancas/os no submundo causa neles um estranhamento e uma vivência exterior à realidade. Lélia Gonzalez (1984, p. 224) chama a este fenômeno de “identificação do dominado com o dominador” e ressalta que Franz Fanon, em sua obra “Pele negra e mascaras brancas”, discute esta relação, se torna inacreditável o relato dos autores por tratarem-se de ativistas negros. Porém, estas afirmações proferidas por um/a negra/o só comprova a interiorização do racismo, Leila Gonzalez (1984, p.225) aprofunda a discussão quando ressalta que nós negras/os fazemos parte do lixo da sociedade brasileira, pois assim fica determinado uma lógica que é de dominação. Por que muitas vezes o que a sociedade branca tenta e algumas vezes também até consegue é domesticar a/o homem/mulher negra/o, somos a todo tempo falados, infantilizados por esta lógica dominante. Justifica-se a dominação e a visão estereotipada que um homem negro tem do seu igual, para Celso Athayde e MV Bill (2007, p. 88) ver um negro na prisão pode não ser tão natural, mas, reforça isso quando pontua que “os presídios brasileiros são extensões naturais das favelas.” A este sentido também Lélia Gonzalez analisa e reforça dizendo ser

a primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, crânice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão... Portanto têm mais

é que ser favelado... O barato é domesticar mesmo. (GONZALEZ, 1984, p. 225)

Essa análise de Lélia revela a naturalização do racismo a que são submetidas às pessoas negras, a visão que a polícia destina à negras/os e que também muitas/os membros da comunidade negra tem em relação a ser negro.

Ainda seguindo pelo quarto capítulo da obra, Athayde traz para o texto a sua visão dos confrontos entre casais, durante a visita na favela quando todos são convidados a correr para fora da casa durante uma das entrevistas, devido a alguma confusão que acontece na rua e o rapper pensa que era briga de casal, nominando de “eventos de favela, que com plateia se torna mais intenso” (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 100). Essa ocorrência aponta que, embora não fosse o que acontecia naquele momento, os autores tratam as brigas entre casais de forma banal e, assim não pouco preconceituosa. Isto posto, podemos enxergar que estes confrontos trazidos pelo autor quando ocorrem nas favelas, tem uma mulher muito provavelmente negra, espancada por seu companheiro, um homem também negro em sua probabilidade, e suas/seus vizinhas/os são a plateia que torna o seu “espetáculo mais intenso”.

A utilização do termo “espetáculo intenso” talvez seja porque Athayde e MV Bill (2007) se façam desinteressados sobre os dados do Mapa da Violência<sup>5</sup> contra mulher, que trazem números assustadores de óbitos acometendo mulheres na sua maioria negra, uma vez que também esta violência tem cor, com isso não estamos aqui dizendo que as mulheres não negras não são atingidas por esta violência, mas é sabido que a maioria das mulheres em situação de violência são negras.

Saí pro quintal novamente e o Celso veio atrás de mim. Eu não sabia o que era; imaginei que podia ser briga de marido e mulher, que são grandes eventos na favela. Quando a porrada come, a favela inteira pára para ver, e quanto mais gente assiste, mais a porrada come. Claro, com plateia tudo é mais intenso. (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 100)

---

<sup>5</sup> No último ano acima de 4,5 mil mulheres foram vítimas de homicídio. Nos 32 anos considerados – de 1980 a 2011, morreram assassinadas 96.612 mulheres. Só no presente século, morreram praticamente a metade desse total. Evidenciando forte crescimento das taxas entre 1980 e 1996: 4,6% ao ano. A partir dessa data, o número de homicídios de mulheres aumenta, mas em menor proporção que a população feminina, pelo que as taxas caem levemente até 2006, com um ritmo de 0,9% ao ano. No ano de 2007 uma significativa queda é registrada: as taxas caem 7,6%. Em setembro de 2006 entra em vigor a Lei Maria da Penha, aumentando o rigor das punições da violência contra as mulheres no âmbito doméstico. Mas essa queda acentuada só dura um ano: a partir de 2008 as taxas tendem a subir novamente, recuperando e até superando níveis anteriores. P. 74

Talvez não tenham atentado os autores, no momento de escrita do livro, a implementação da Lei Maria Penha; Lei esta que dispensaria apresentações e relatos mais aprofundados. Foram infelizes em suas observações e pouco sensíveis a uma ocorrência que ceifa vidas em todo o país, ao trazerem de forma banal uma possível situação de violência doméstica, naquele dia no morro.

A violência esteve presente na incursão naquele morro no qual os autores presenciaram a morte de um jovem negro, a quem Bill tentou interceder pedindo pela vida, porém não obteve êxito. Este momento da entrevista também analisado com um acontecimento no qual os escritores ao descreverem as cenas passam todo o tempo utilizando adjetivações com o jovem como: gordão, o gordo, o gordinho, quase com escarnio, numa naturalização e banalização da violência que chega a assustar, mesmo fazendo tentativas de interceder para que o jovem não perdesse a vida, o que não teve êxito.

### **3.1 O QUE OS AUTORES TÊM PARA FALAR SOBRE EVA E UM MEIO “ALTERNATIVO” DE SOBREVIVÊNCIA**

O sétimo capítulo muito tem a dizer a todas as mulheres negras e não negras, sobre a história de Eva e como a sua atividade profissional interfere no seu cotidiano, nas suas relações de amizade. Ao iniciar o capítulo os escritores nos situam sobre os jovens Falcões e o quanto ficavam felizes ao tratar do assunto “boqueteiras”. As meninas do tráfico praticantes do sexo oral são chamadas “boqueteiras” pela prática deste tipo de sexo com os “Falcões” e alguns outros jovens pertencentes ou não ao tráfico, que se utilizam do serviço das jovens, a fim de um orgasmo rápido que permita ao rapaz ainda se afastar por pouco tempo e voltar a cuidar do seu posto, segundo explicação de Athayde e Bill (2007). São meninas que estão nas periferias das cidades negociando com o que podem para sobreviver, são elas, mães, filhas, irmãs que tiram destas práticas o seu sustento e das/os filhas/os já que muitas já são chefes de família e também são filhas. Meninas como Eva que acreditam no seu “trabalho” como uma forma até de minimizar o “sofrimento dos meninos”, de lhes fazer companhia durante o plantão na “boca de fumo”. Com a prática do sexo oral entende se sentir forte e “fortalecê-los” - essa palavra, para Eva, tem uma conotação bem diferente da que entendemos aqui e vamos falar dela mais adiante.

Informam que Eva era uma menina como outra qualquer encontrada na periferia de qualquer cidade, segundo Celso Athayde e MV Bill (2007, p. 150) “tinha corpo de mulher e ares de moleca. Era muito segura, mas, confusa demais.” Para os autores a menina relatava sobre a atividade sexual que praticava quase de forma poética e tinha uma história igual a muitas outras meninas, perdeu o pai dos filhos assassinado e virou “brinquedo na mão do palhaço”, explica-nos com isso que havia um marketing sobre as “meninas boqueteiras” e suas habilidades faziam com que fosse impossível desfazer a imagem criada sobre essas jovens.

Para a autora Sueli Carneiro (2002), as diversas formas de exclusão imposta à mulher, fazem com que estas mulheres ao se verem de fora das ofertas de emprego, por baixa escolaridade, por terem de manter filhas/os de relações afetivas sexuais desfeitas, se veem obrigadas a trabalhar como domésticas, diaristas, ou então, prostituindo-se, fazendo uso da fama que lhe é atribuída de “boa de cama”. Muitas jovens vão utilizar a prática do sexo como um meio de ganho, sustento para si e sua família e, algumas delas, como Eva, eram mães solteiras e, além disso, possuíam o vício de consumo de drogas. Num estudo sobre a prostituição no país Barreto nos revela que

(...) a prostituição muitas vezes é uma opção de trabalho mais flexível, mais bem remunerada e com jornada de trabalho mais curta do que outras atividades. Suas bases são sólidas e propiciam lucros não só para as prostitutas e para suas famílias, mas para os inúmeros envolvidos na atividade, por vezes bastante organizada, sofisticada e diversificada. Diz que, como qualquer trabalho, gera lucro e emprego, mas acaba por não permitir o acesso a direitos, devido a avaliações feitas por critérios morais, sociais ou econômicos. (BARRETO, 2008, p. 72)

Para Eva - e talvez para outras moças praticantes do sexo oral com os Falcões - aquele era, no momento, o seu meio de sobrevivência e, como a mesma relata, nesse processo, ela é fortalecida por esses rapazes e o sexo oral é a forma que tem de fortalecê-los. (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 152) procuraram durante entrevistas, saber a opinião de alguns jovens sobre Eva e de como a conheceram, além da iniciação na vida sexual, dentre outras perguntas “(...) Soneca me disse que o pai dele, assim como muitos pais nessa favela, o iniciou na vida masculina com uma boqueteira, quando ele completou 13 anos e já tinha vários pentelhos”. Esse, durante vários anos, foi o meio utilizado pelos genitores para iniciar sexualmente seus filhos, o que legitima e reafirma o patriarcado, uma permissão para a prática sexual. O pai acreditava o jovem, de 13 anos, ter idade suficiente para ter sua vida

iniciada, neste momento, nesta idade, independente do posicionamento do adolescente de se sentir ou não preparado para iniciar a vida sexual. Eram vistos como ritos de passagem, momento em que o jovem deixava a infância e adentrava a vida adulta, segundo os pais da época.

Assim, também acontecia há séculos atrás quando mulheres negras escravizadas eram levadas aos jovens senhores para que com elas estes tivessem sua primeira experiência sexual; feito que perdurou durante muitos anos, onde a iniciação dos jovens era de responsabilidade de uma escrava, de uma doméstica da casa, independente de sentimentos ou desejo dos dois. Legitimava o patriarcado, o machismo pois se para um jovem iniciar a vida sexual aos 13 anos, o mesmo não acontece com as meninas que a esta idade, são condicionadas até a enxergar o despertar da sua sexualidade como sujeira, até como sensações que são dignas das meninas.

As moças trabalhadoras do sexo nos morros são reproduzidas por estes rapazes com diferentes nomenclaturas depreciativas, Athayde e Bill (2007) aproveitam e atualizam essas nomenclaturas que vão desde “Maria-fuzil”, “Mamadinha”, ou simplesmente “boqueteiras”, são os codinomes utilizados, sempre depreciativos, como o caso das jovens que frequentam os estádios de futebol e recebem dos rapazes nomes que estão ligados a atividade deles em campo. Durante a realização das entrevistas, alguns entrevistados informavam que “boqueteira” não se beija na boca, um dos entrevistados chega ao ponto de informar que: “Eu não beijo essas puta aí não, parceiro, só deixo elas mamá, tá ligado... Duvido que eu beijo elas, duvido!” (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 151). Tanto os jovens que se utilizam desses serviços como a comunidade dos morros, deixam de levar em conta a questão de as moças além de tirarem destas práticas o seu sustento, são excluídas do convívio social e familiar, restando a elas viver à distância das outras famílias moradoras da favela e dos seus familiares. Desfrutam de uma vida solitária, como é o caso de Eva, já que, com sua atividade, ela é considerada promiscua e lhe é permitido o isolamento e tantas outras adjetivações, muitas dessas chulas, um tratamento que levam as meninas a viverem uma rejeição social, afetando sua saúde física e deixando-lhes com o psicológico abalado.

Informam ainda sobre a condição de mãe da jovem analisada e refletem a partir de suas entrevistas que

Eva era mãe. Uma mãe que, às vezes, me fazia pensar que representava a realidade da instituição da família nas periferias de todo Brasil; a situação da família à beira da inexistência. Os alicerces foram derrubados pela liberdade ilusória, pela ausência dos pais. Mães que bebem, fumam, cheiram e se prostituem na frente de seus filhos, como se quisessem mostrar a eles o que é o mundo de verdade, dando sequência a um ciclo vicioso interminável. (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 152 - 153)

Para os autores, a responsabilidade pela educação das/os filhas/os é de responsabilidade exclusiva das mães, desconhecem as mulheres que chefiam a família e desta forma não passam o horário diurno em suas casas, impossibilitando-lhes de participar de forma mais efetiva da educação das/os filhas/os, pois precisam se afastar de casa para trabalhar. Mulheres que na sua grande maioria não convivem com um companheiro, não têm com quem dividir a despesa para manutenção da casa e a educação das crianças, restando-lhes contar com a ajuda de vizinhos ou parentes no auxílio para cuidar das crianças ou deixa-las em casa na companhia de irmãs e irmãos mais velhas/os.

Assim, restabelecida uma divisão sexual dos trabalhos, pelos autores, recai a responsabilidade para mulher da educação da família, eximindo-se o homem de seu dolo, faz-se inexistente a figura pai e de companheiro da mulher, ficam de fora da responsabilidade da educação dos filhos junto com a esposa e auxílio na manutenção da família. Fica implícito nas falas que educar os filhos é coisa de mãe e se, por qualquer motivo, na ausência da figura paterna, o jovem tenha uma conduta desviante, a culpa recai sobre a mulher, uma vez que as jovens mães, (com base no pensamento dos autores), está a “busca de prazeres ilusórios”. Acreditamos que esta busca denunciada por MV Bill e Athayde nada tem com “prazeres ilusórios” existe uma busca incansável de mulheres negras e de homens negros, por vagas no mercado trabalho, existe uma carência de colocações no mundo do trabalho que possibilitem à mulher aliar trabalho e o cuidado na educação de suas crianças, proporcionando para ela e sua família uma convivência mais saudável.

Nesse contexto, as posições destinadas a negras/os são de subempregos, já que os cargos destinados a homens e mulheres de cor estão ligados à força física ou trabalhos domésticos e de menor remuneração e, mesmo estes, tornam-se escassos com os índices de desemprego atuais, as análises dos diversos institutos comprovam que as mulheres negras estão na base da pirâmide social. Atrelada a todas essas ocorrências, podemos citar uma crescente massa de mulheres chefe de família as quais precisam prover a casa de alguma forma e muitas se utilizam



daquilo que lhes é oferecido e, dentre estes, figura também a prostituição, que é a utilização do corpo para ganho financeiro - uma das opções vislumbradas pelas mulheres em várias sociedades, em diferentes contextos históricos.

A oferta de escolas públicas em tempo integral e creches para crianças menores valeriam como a melhor alternativa para manter as crianças de ambos os sexos na sala de aula, em espaço confiável, onde a mãe poderia exercer suas funções laborais sem a preocupação de não ter um local ou alguém com quem deixá-los. Estranhamente, podemos observar que discurso e prática não estão muito próximos, no caso dos dois autores em análise, ambos passam a impressão de total desconhecimento da realidade da periferia e das ocorrências que acometem estas comunidades. A denúncia de “alicerces familiares derrubados” remete a uma legitimação da divisão dos papéis sexuais, o homem para trabalhar e a mulher para ficar em casa na manutenção dos trabalhos domésticos e na criação das crianças.

Desta forma, após as observações sobre as mulheres na favela, os autores explicam sobre o encontro com a empresária de Eva, uma adolescente de 16 anos, responsável pela agenda da jovem e contatos profissionais.

Antes de encontrar a Eva, eu negocieei com sua empresária. É isso mesmo, empresária; uma menina que não devia ter mais de 16 anos, linda, saia curta, blusa apertada, marcando os seios. Era impossível disfarçar a sensação que eles me causavam e, mesmo quando eu tentava, acho que o diabo pegava meu queixo e puxava para o decote dela novamente. Era nítido que ela sabia que era uma coisa de louco, e certamente se divertia com isso. Seus cabelos eram compridos, tinha um sorriso inesquecível, dessas meninas com as quais a gente corre o risco de receber o título de pedófilo, para depois argumentar na delegacia que ela tinha cabeça e corpo de 18 anos. Realmente, aquela garota era uma autentica chave de cadeia. Mas nenhuma corte aplicaria a prisão perpetua; seus dotes, suas vestimentas, suas provocações físicas e naturais deveriam ser levadas em consideração, tinham que constar nos autos. (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 153)

Os padrões familiares aqui foram jogados por terra, quando, em momento anterior, os responsáveis pela obra discursam sobre a importância da família, do respeito; agora, praticamente justificam a pedofilia, enaltecendo o corpo da jovem e, ao mesmo tempo, exercita nitidamente seu sexismo. Subentende-se no discurso de Athayde e Bill (2007) que as vestes de uma mulher justificam a violência nela impetrada - nesse raciocínio, ao ser estuprada, por exemplo, uma mulher pode ser considerada culpada por esta ocorrência, já que suas vestes e seu corpo afirmavam que a mesma queria ser violada. Segundo os autores, se fossem presos por um

motivo deste, nenhuma corte impetraria aos homens a pena máxima, visto que se faz necessário, conforme informam, um atenuante, pois diante da postura de uma mulher com tantos dotes físicos, ao usar “roupas insinuantes”, está oferecendo um sinal verde e dando motivos suficientes para prática de estupro e pedofilia, entendendo as/os juízas/es serem os homens a “carne fraca”:

Na maioria das vezes é esta a visão que muitas/os acabam tendo sobre o estupro ou sobre as diversas denúncias de pedofilia, a vítima do estupro na sua grande maioria se transforma em algoz e, a esta altura, aquele (o homem agressor) ocupa o lugar de fragilidade e impossibilidade de defesa - o que a todo tempo eles insistem em afirmar como é uma característica feminina, mas que em dado momento se enquadra perfeitamente a figura masculina quando querem se livrar da culpa e tentam desqualificar a mulher e torná-la culpada pelo desrespeito impetrado por eles às mulheres.

Lia Zanotta Machado (2010, p.77) reforça que os estupradores de mulheres desconhecidas, dentro das penitenciárias e/ou no aguardo de julgamentos, fazem uma relação entre ato sexual e fraqueza masculina, reconhecida nestes meios como “categoria nativa” e quase todos eles se reconhecem dentro desta categoria. Ao referir-se à jovem empresária, os autores reconhecem sofrer um misto de sentimentos, ao mesmo tempo em que desejam uma relação sexual com a jovem, devido ao impacto que lhes causou a combinação de seu corpo e suas vestes, em outro momento se sensibilizam com a ingenuidade característica dela e perfeitamente natural em uma jovem de 16 anos.

Preocupam-se ao pensar se a jovem já foi molestada por homens em transportes coletivos e reforçam serem estes os locais onde homens se aproveitarem de mulheres devido ao grande número de usuários e a proximidade própria das conduções urbanas. Outra curiosidade levantada por Athayde é se a adolescente também faz os mesmos “serviços”, ou seja, se ela é uma “boqueteira” e, interrogada por ele sobre suas atividades, recebe uma resposta negativa da jovem. Desconhecem as áreas de atuação de uma profissional do sexo, que não se limitam a prática sexual propriamente dita, uma das funções de quem trabalha com sexo é exatamente a de “garimpar o serviço” e não necessariamente manter uma relação sexual conforme explica Leticia Barreto:

Este trabalho não se reduz à relação sexual propriamente dita, aliás, essa por vezes nem é executada. Profissionais do sexo precisam seduzir o

cliente, manter relações sexuais, representar papéis, inventar estórias, negociar o preservativo, etc. Obviamente, nem todas as prostitutas realizam cada uma dessas atividades, sendo que algumas podem atuar, por exemplo, apenas acompanhando clientes. A variedade de atividades evidencia ainda a existência de um saber fazer próprio a profissionais do sexo. (BARRETO, 2008, p. 72)

Ao finalizar a conversa com Dora, empresária de Eva, eles desejam, sem dizer a ela, que a mesma arranje um casamento com um “homem direito”, podendo este ser um bombeiro. O desejo do casamento como salvação, sem fazer referências em seu discurso da possibilidade de busca pela escolarização, como um desejo mais proveitoso e próprio para os dias atuais em que mulheres buscam por sua independência financeira, ocupam hoje, lugares que eram destinados apenas aos homens, não desejam para ela uma atividade laboral formal, ou mesmo a perspectiva de ingresso em uma universidade, a “salvação” para a jovem empresária, segundo os autores, está em casar-se com um bombeiro ou com a alta classe da favela.

Existem diversas possibilidades para a jovem empresária de Eva que não necessariamente devem estar ligadas ao matrimônio, a escolarização da jovem aparece como uma saída importante para o abandono daquela função tida por eles como inapropriada. Aqui, entendemos a possibilidade da inserção no curso de Administração, a Escola de Economia ou qualquer outra por ela escolhida podem muito bem ser de maior valia para uma jovem que deseja sair da favela, ser independente, exercitando em trabalho formal, seu domínio na administração uma vez que cuida dos bens de sua amiga.

O termo empresária, adotado no relato do livro, aparece de forma pejorativa, pouco valorizada e escarnecida pelos autores, onde a moça em questão, a Dora, não passava de outra “boqueteira” - que era o que ele acreditava que ela seria também, mesmo tendo uma resposta negativa vinda da jovem. Dentre as especificidades, da ocupação exercida por Eva e outras mulheres profissionais do sexo, e Dora, a empresária aparece de fora da atividade prática do sexo alternativo, pois não basta o sexo pelo sexo, é necessário também sedução e fazer com que o cliente se sinta à vontade com elas, reforça Leticia Barreto (2008), visto que esta atenção oferecida garantiria o retorno da clientela em outra ocasião. É esta sedução que faz de Eva a mais procurada para atividade por ela exercida, a jovem simplesmente garante seu ganho e a satisfação do seu cliente o que faz com que ela conquiste novos usuários e o retorno dos que procuram seus serviços.

Antes de ser uma realidade, a atividade das garotas não pode simplesmente ser resumida somente pelo ato, pois, dentro destes existem práticas e identidades destas mulheres que não podem ser analisadas de forma geral, visto que cada mulher tem o seu diferencial e suas diversas motivações para atuarem profissionalmente com o sexo. Outra questão é que não podemos também acreditar que elas são escravas dessa atividade e que não existe um prazer contido no seu exercício, pois, o que é relatado por muitas mulheres e até pela própria Eva quando enfatiza se sentir fortalecida pelos jovens. Em determinados momentos ela não esconde sua consciência da prática do sexo oral, da sua realidade de profissional do sexo, e fala de sentimentos que vivencia com os Falcões dizendo:

Não tem esse negócio de gostar, de se apaixonar, nem de prejudicar eles. Porque a gente sabe que eles têm mulher. Eu sei que eles têm mulher e eu tô aqui mais pra fazer meu papel, que eu acho que é meu papel que eu tô fazendo. Eles me fortalecem alguma coisa eu fortaleço eles também. (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 163)

O termo “fortalecer” utilizado por Eva vem no mesmo sentido da palavra colaborar e a jovem tem a colaboração dos “Falcões” no fornecimento das drogas por ela utilizada, percebe-se que algumas vezes o pagamento é feito desta forma e por outras a cobrança fica por conta de sua empresária; Eva conta também com a “proteção” dos “Falcões” no tocante a sua segurança e permanência na favela, além do fornecimento das drogas e do pagamento pelos seus serviços. Já a forma de Eva fortalecer os jovens está ligada a companhia durante os plantões, além do sexo oral praticado por ela, numa tentativa de minimizar o stress da atividade dos jovens nas bocas de fumo, vale aqui deixar evidente que o sexo não acontece na boca e sim em local escolhido pelo Falcão ou por Eva.

Cuidadosa com a sua atividade, a moça diz não realizar sua prática em público em respeito aos moradores e as mulheres dos falcões, o que nos dá uma amostra de respeito a outras mulheres, e ela reforça dizendo que não gostaria de causar sofrimento para as esposas dos rapazes caso essas tomassem conhecimento da sua existência na vida de seus companheiros. Ao ser interpelada pelos entrevistadores se tem algum tipo de preconceito sentença: “eu não, já tem muito preconceito com viado, com puta...”, mas ressalta que sofre a exclusão e preconceito de outras mulheres quando se estas recusam a permanecer nos locais em que ela esteja presente, reforçando o que já comentamos da tristeza e da solidão vivida por estas jovens mulheres.

#### 4 DOIS OLHARES E UMA MESMA LÓGICA

Para a ADC a utilização de discursos hegemônicos e hierarquizantes leva a crer que aquela ideologia está presente no inconsciente daquela pessoa mesmo sem que esta perceba. Segundo Ramalho e Resende (2006, p.49), “a ideologia é, por natureza, hegemônica, no sentido de que ela necessariamente serve para estabelecer e sustentar relações de dominação e, por isso, serve para reproduzir a ordem social que favorece indivíduos e grupos dominantes.”

Embora o primeiro capítulo da obra de Frenette (2000, p.17) não faça parte das análises, uma frase pode ser analisada e que nos traz uma ideia das hierarquizações contidas em sua escrita: “São esses limites que fazem a ideia de civilização brasileira ser apenas um sonho distante”. O referido autor ao utilizar o termo “civilização” no primeiro capítulo, tenta criticar antigas posturas, nas quais homens brancos se autorizavam em dizer onde negros poderiam ou não ir, esse modo de civilização trazida por ele reforça um discurso de que não somos civilizados, tanto negros, quanto brancos e legitima os padrões hegemônicos sobre um ideário de civilização - há aqui uma repetição hierarquizante das falas tão condenadas por ele. Estas hierarquizações estão presentes também no texto “A pequena Matilha”, o autor ao final do livro informa “reproduzir textos”, é provável que a cópia se dê por entender ser uma forma de mostrar o preconceito em outras literaturas, entretanto esta ressalva não livra a obra de Frenette das avaliações desta pesquisadora sobre posturas racistas e sexistas contidas no livro.

De que lugar Frenette fala? Para quem ele fala? De onde fala? E o que fala? O autor é paulista, branco, seu sobrenome remete a uma linhagem que não é nacional, é escritor de esportes, jogador de golfe e descobre um dia que precisa falar sobre racismo. O que aconteceu com este homem para que o mesmo tenha a vontade de escrever sobre um assunto com o qual demonstra possuir uma relação de exterioridade e estranhamento? Frenette vive os privilégios de ser um homem branco numa sociedade que, entre outros marcadores, privilegia sobremaneira a cor da pele. Daí podermos concluir, então, que preconceito e discriminação não fazem parte de sua vida e não entendemos a legitimidade para tal abordagem do tema.

Para quem ele fala ou que público o autor deseja atingir: é uma interessante questão que demanda análise, pois, o livro provavelmente não atingirá a camada de leitores brancos, que se acredita ser a intenção original do autor alcançar, uma vez

que o racismo parte do branco para o negro. E, ao que pudemos perceber, essa obra é conhecida, na sua grande maioria de leitores/as, por acadêmicos/as, curiosos/as em conhecer mais uma obra que “analisa” o tema do racismo sobre uma perspectiva branca. Baseando-se em outra/os escritoras/es brancas/os que também se arvoram ou se arvoraram em discutir a causa negra a partir da sua branquitude, muitas pessoas tentam com o livro ter a perspectiva branca sobre o racismo. Muitas vezes, estes escritores são legitimados por nós negras/os acadêmicas/os que acabamos lendo suas obras e não trazendo à tona a discussão do lugar de fala desses autores os quais como Frenette, vivem uma relação de exterioridade com o tema.

Assim, fica nítido que sua fala vem do jornalista branco, do colunista esportivo, do diretor de revista *Golf Life*, do jornalista cultural de artigos sobre sociologia, literatura, cinema e música. O que fala Frenette é muito interessante, pois nada faz além de reproduzir textos racistas como uma forma de criticar o racismo, nem chegando sequer a demonstrar as mazelas de um marcador social que abala profundamente quem sofre com ele. Em nenhum momento na sua escrita ele esteve preocupado, em especial quando produziu o texto do quarto capítulo, em pensar como o sexismo operava naquele texto. Para um autor preocupado com as mudanças que seu texto possa operar carrega nos discursos e falas uma ideologia machista, sexista e racista a qual a escrita ainda não o ajudou a se libertar. Para Ramalho e Resende (2006),

(...) são os indivíduos, inseridos em práticas discursivas e sociais, que corroboram para a manutenção ou transformação de estruturas sociais - uma visão dialética da relação entre estrutura e ação. No evento discursivo, normas são modificadas, questionadas ou confirmadas - em ações transformadoras ou reprodutivas. (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 46)

A intenção do autor em trazer à tona o tema é interessante, visto que quando o mesmo se utiliza dos meios para alcançar este objetivo, embora ele tente nunca vai viver os danos causados pelas posturas excludentes trazidas por pessoas brancas que como ele são “sensíveis” à causa negra e se utilizam de nossas dores para vender livros e se legitimar como estudiosos do tema, como muitos reforçam: “falar do tema racismo está em moda”. Sueli Carneiro (2003, p. 120) levantou suas críticas sobre algumas produções publicadas e sentenciou “o negro é apenas uma realidade estatística para deleite de acadêmicos.” E ao se deleitarem com a história

negra muitas/os esquecem das reais necessidades desta raça negra, como falar de uma raça sem pontuar a tortura e humilhação que são submetidas/os todos os dias? Alzira Rufino (2003, p. 29) reforça que “fomos os primeiros sexagenários colocados na rua, as primeiras crianças de rua e, na virada do milênio, ainda temos nossa cor associada à marginalidade e ao banditismo.” E esta imagem ainda nos segue até os dias atuais exatos século XXI, ano 2015, momento em que vivenciamos novas modalidades de racismos atreladas as antigas práticas racistas existentes em nossa sociedade.

Os autores do segundo livro analisado são Alex Pereira Barbosa conhecido popularmente como MV Bill, criado na comunidade carioca Cidade de Deus, local onde vive até hoje, é um dos rappers mais conhecidos e reconhecidos do Brasil. Além do lado musical, o lado ativista e social de MV Bill é marcante. Foi um dos fundadores da ONG Central Única de Favelas (CUFA), que através do conceito do movimento Hip Hop, desenvolve projetos sociais e culturais em diversas comunidades carentes pelo Brasil afora. Além de rapper, Bill faz palestra pelo país e também fora dele sobre a realidade do tráfico, fala sobre racismo e as exclusões a que o povo negro está exposto.

Celso Athayde é um produtor de eventos e ativista social, especializado nas favelas e periferias do Brasil. Nasceu na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, onde viveu até os sete anos. Aos 16 já havia morado em 3 favelas, em abrigos públicos e na rua. Foi criado na favela do Sapo, zona oeste do Rio de Janeiro. Autodidata, Athayde assina três Best Sellers e, é coautor dos livros Falcão - Mulheres do Tráfico (2007), Falcão - Meninos do Tráfico e Cabeça de Porco, sendo os dois primeiros com o Rapper MV Bill e o último, com o sociólogo Luiz Eduardo Soares. Seu quarto livro é O Manual dos Basqueteiros, a primeira publicação de basquete de rua que se tem notícia. É também um dos fundadores da CUFA, a Central Única das Favelas, a maior organização não governamental focada nas favelas do Brasil e presente em mais de 15 países; da Favela Holding,<sup>6</sup> e do Data Favela, o instituto de pesquisa e estratégias de negócios especializado na realidade das favelas brasileiras.

A obra “Falcão - Mulheres e o tráfico” é uma obra em 15 capítulos, post-scriptum, nota, agradecimentos, agradecimentos especiais e glossário, a capa da

---

<sup>6</sup> A FAVELA HOLDING é um conjunto de empresas que tem como objetivo central o desenvolvimento de favelas e de seus moradores, sendo o primeiro empreendimento com este perfil que se tem notícia no mundo.

obra está na cor preta com uma jovem em pé a esquerda encostada ao que parece em uma parede com imagem do rosto desfocada e uma tarja preta nos olhos, o que nos leva a crer ser uma adolescente, seus olhos fitam o exterior do local em que se encontra. A jovem traça calça marrom e camiseta básica, T-shirt, o que nos remete a acreditar ser uma farda de reclusão, de instituição voltada para encarceramento de adolescentes com idade inferior a 18 anos.

Todos os capítulos iniciam com um texto dos autores sobre as circunstâncias como aconteceu o encontro com a pessoa entrevistada e, logo em seguida, apresentam a entrevista na íntegra, onde explicam que não mudaram nada daquilo que as personagens falaram e que buscaram ser fiéis na manutenção do texto, inclusive, reproduzindo até as gírias usadas por todas as entrevistadas. O livro é o segundo escrito pelos dois autores em parceria e informam Athayde e Bill que foram 8 anos de pesquisas e de visitas às diversas favelas do país para conseguirem juntar todo material e compilar num livro. A maioria das entrevistas foi realizada por Athayde - podemos dizer que 70% delas e as mesmas em favelas de todo o país onde o rapper e o empresário a partir dos shows realizados nas cidades, contatavam as pessoas que os levariam aos locais, sempre com a indicação de algum conhecido. Bill e Athayde contam que muitas vezes foram detidos pela polícia e até tratados de forma agressiva.

As falas contidas na obra partem de meninas e mulheres que vivem ou convivem com o tráfico de alguma forma, se não diretamente, como chefe de boca ou usuárias, são irmãs, mães, namoradas, esposas de falcões, vendedora de lanche ou ainda como profissionais do sexo, como no capítulo “Boqueteiras” - no qual temos a história de Eva e Dora, sua empresária. Os relatos de Athayde e Bill muitas vezes são carregados de pré-julgamentos sobre a presença dessas jovens no tráfico.

Para a Ramalho e Resende (2006, p.114) o trabalho da ADC requer uma “análise ampliada das reflexões acerca do contexto, da função do problema na prática e dos obstáculos que vivemos para superação do problema”. Caberia neste trabalho um estudo detalhado sobre as drogas no país, no entanto, consoante com o objetivo deste trabalho, farei aqui um apanhado rápido. Assim, o advento das drogas, bem como a descoberta e utilização do crack pelos jovens tem levado a um extermínio da juventude negra, onde - como ainda acontece hoje - o tráfico dita as regras nas periferias brasileiras. Há muito o que se pensar sobre a cooptação dos



nossos jovens pelo narcotráfico, numa sociedade onde muito se discute sobre formas de minimizar os efeitos da droga e de exterminar o tráfico, mas continuamos a assistir nossas/os jovens serem dizimadas/os pelas drogas, continuamente rotulados de Falcões, traficantes, marginais, usuários e afins.

É evidente que este extermínio tem cor e sexo, como nos mostra os autores, as favelas estão cheias de jovens negros usuários e de brancos que sobem o morro para adquirir a droga. Existe o tráfico porque existe o consumo; o usuário, na sua maioria, é composto por jovens brancos de classe média e alta, que mantêm o comércio. No entanto, estes jovens, quando viciados internam-se em clínicas particulares, tratam o vício e retornam à convivência familiar, mesmo que reincidam. O jovem negro e pobre, ao contrário, afunda mais e mais no uso e não conta com casas de reabilitação ou abrigos que lhe garanta os cuidados necessários para que possam retornar também ao convívio com sua família - vale ainda lembrar que, muitas vezes, por despreparo ou desconhecimento, alguns pais preferem deixar os jovens resolverem o problema como melhor lhe convier, até por não possuírem recursos financeiros para manutenção de um jovem viciado ou locais que possam tratar o vício e devolver o jovem para a convivência familiar saudável. As casas dirigidas pelo Estado ou são amontoados humanos ou são administradas por facções religiosas que prometem a libertação do vício por meio de sua entrada para a religião. Não somos contra esta forma de “cura”, mas ao jovem deve ser oportunizado o retorno ao convívio familiar para que possa decidir sobre que melhor convier e isso envolve, inclusive, a escolha do seu credo religioso. Essa análise também é feita pelos autores em um dos capítulos da obra quando recebem a notícia de que a Rainha da Merla, uma senhora que comandava seu próprio negócio de drogas, havia se convertido em evangélica após ter sido presa.

Athayde e Bill (2007) afirmam falar do mesmo lugar dos seus entrevistados, viveram as mesmas “ocorrências” da favela, com o diferencial de nunca terem se envolvido com o tráfico e, como o próprio Rapper reforça em uma das suas músicas, vive “traficando informações”. Seu lugar de fala é do menino que viveu toda a vida em Cidade de Deus e lá permanece até os dias atuais, e sobreviveu a cooptação do tráfico, daí sua fala sempre de dentro, e suas críticas tão contundentes. Foi possível perceber que Athayde e Bill (2007) acreditam que os jovens devem se manter de fora do tráfico como eles se mantiveram. Mas, se analisarmos as idades dos falcões e dos escritores veremos que eles foram adolescentes em tempos distintos e que à

época deles, o que de mais pesado se ouvia falar era no consumo da maconha e da cocaína para os mais abastados, evidente que existia o vício, porém com o surgimento do crack os danos por ele causados, a sua forma rápida de vício, podemos vivenciar estes momentos que vemos agora, época que não é a mesma vivida pelos nossos escritores.

Os autores falam para o público que desejavam atingir, como as/os próprias/os jovens, educadoras/es sociais, mães e pais que leram a obra e a transformaram no sucesso de vendas que foi, chegando a da base a um documentário muito assistido. Falam de drogas e fazem incursões rápidas na questão racial e reconhecem que eles muitas vezes foram às entrevistas, carregados de seus preconceitos. Athayde faz uma análise do preconceito quando é confrontado na cadeia pelo filho de D. Leda que está preso e relata que para ele é muito estranho ver um homem branco preso, uma vez que são as cadeias espaços naturais para negros e relata “no fundo, eu acabo sendo picado pela mosca do preconceito, que tanto crítico e repudio. Basta ver que os pretos que estavam no presídio não me tocaram tanto, como se lá fosse o lugar deles mesmo.” (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 87). Assim os autores demarcam o quanto estamos carregadas/os de preconceitos e visões estereotipadas acerca do ser negro num país como o Brasil e porque não dizer no mundo.

Estas visões carregadas de preconceitos recaem pesadamente sobre as meninas e suas práticas sexuais, quando os autores analisam as mesmas. O tratamento que é dispensado a Eva pelos meninos, a visão dos próprios autores durante a entrevista com ela nos leva a perceber o quanto estereotipado, preconceituosas são suas visões. Falam do lugar do macho, demonstram as relações de poder estabelecidas naqueles espaços, onde a moça não merece ser beijada porque é “puta”, não deve ficar perto deles, só na hora do ato. É a objetificação a qual Collins (1990) tanto fala e as relações de poder onde o oprimido rapidamente passa a ser o opressor.

Não posso deixar aqui de me ater aos olhares masculinos sobre as mulheres negras, esse olhar de rejeição e que nos coloca de fora de suas preferências. Observamos que os olhares destinados a nós mulheres negras são depreciativos, as relações estão longe de serem relações amorosas e afetivas, no geral apenas a sexualidade é retratada e trabalhada pelos olhares de homens negros e não negros.

Na citada obra de Frenette, as visões particulares trazidas pelo autor com

relação a marcadores sociais como gênero, raça e classe são hierarquizadas e na maioria das vezes nada tem a ver com um discurso de combate ao racismo. Se para a ADC toda vez que utilizamos discursos hierarquizantes ou com ideologias retrógradas e dominadoras estamos fazendo uso do mesmo recurso, mesmo que só apenas estejamos repetindo discursos já proferidos, podemos entender que os autores se apropriam de discursos racistas e sexistas para tratar mulheres negras.

As obras analisadas são bem diferentes e com autores que falam de diferentes lugares, mas se encontram numa mesma lógica. Do lugar de fala de Frenette temos o homem branco, sem vivência de preconceitos ou discriminação, portanto desconhece o assunto do qual desejou escrever e baseia-se na sua visão generalizada e de leituras, é o que acreditamos. Quanto a Athayde e Bill, falam dos mesmos lugares e entendem/conhecem e reconhecem as dores e as mazelas do preconceito e da discriminação, porém Athayde esquece a todo tempo o seu passado e incorporou a sua ascendência, uma vez ser ele hoje um homem que ascendeu socialmente, saiu da favela e acredita poder falar de um lugar de quem viveu no morro. Bill permanece na favela mesmo após a ascensão social, mas como Athayde, ascendeu e vê possibilidade de ajudar os jovens a partir das suas ações sociais, porém, também se utiliza de discursos hierarquizados, categorizados e carregados de preconceito. Os trabalhos realizados pelo autor, suas músicas geram clipes que merecem uma análise criteriosa da postura adotada pelo rapper uma vez que muitos clipes reproduzem posturas sexistas, machistas, levando a crer que tudo aquilo que criticam de certa forma é reutilizado em seus vídeos e, portanto, reafirmados.

Paradoxalmente, estes olhares de homens negros e não negros se encontram e ao ler os autores aqui analisados e observar alguns clipes no caso de Bill, não consegui deixar de pensar no mestre Joel Rufino quando faz alusões, em seu livro “Atrás do Muro da Noite, dinâmica das culturas afro brasileiras”, sobre o homem negro que ascende, e se utiliza de dois signos, a mulher loura e o carro. É sobre esta objetificação, desta visão sexista dos autores, que se encontra em tempos tão distintos com a visão de Rufino que conversaremos rapidamente.

Procuramos fomentar uma discussão sobre estes olhares alienígenas através do olhar de feminista negra, da vivência de ativista e educadora social. Não cabe a nós mulheres negras ensinar aos homens negros e não negros as posturas adequadas para tratarem uma mulher negra, esta postura deve ser pensada de cada

um a partir do como gostariam de ser tratados e vistos por estas mulheres. Muitas vezes vivenciei queixas de militantes do tratamento dispensado pelas mulheres negras a eles e ficava a pensar se esses homens tinham noção de que as posturas femininas são reflexos do tratamento vivenciado por estas mulheres negras ao longo dos anos.

O que levava um homem negro a desenvolver relações tão mesquinhas com as mulheres negras? Preocupante se torna se este tratamento parte de um ativista negro. Entende-se que posturas adotadas pelos ativistas deveriam ser outras, o tratamento deveria ser outro, já que estes são parceiros na luta racial. Esquecem nestes momentos que são homens e que exploram os privilégios do gênero, embora nunca vivenciem os mesmos privilégios no tocante a raça/etnia, a experiência de ser branco num país como o Brasil, nunca será experimentada por um homem negro, mesmo os que ascendem socialmente. Entretanto, as opressões sofridas por nós mulheres negras estão ligadas a marcadores sociais como gênero, raça e classe e é necessário que se entenda o quanto estes marcadores estão presentes em nossa caminhada, e o quanto estas ocorrências nos marca, não nos cabe ensinar como deve ser a manutenção de uma relação seja ela de amizade ou amorosa. Audre Lorde (1984, p.114) pontua que não nos cabe, enquanto grupo oprimido, “tapar o abismo que separa a realidade da nossa vida da consciência do nosso opressor.” Desta forma elas/es, as/os opressoras/es, ocupam uma zona de conforto onde esperam que as/os oprimidas/os lhe ensinem uma convivência respeitosa com este grupo oprimido. Na verdade, um grupo oprimido muitas vezes não consegue ter a percepção de que também oprime ou pode vir a oprimir. No caso dos homens negros, em relação à mulher negra, estes esquecem que são todo o tempo oprimidos devido a cor da sua pele, mas, por outro lado, utiliza-se do seu lugar de macho aproximando-se da mesma opressão que é feita pelo homem e mulher branco/a, esquecem que são eles também vítimas de opressão e oprimem.

Quando ativistas negros buscavam através de conversas, respostas sobre suas relações afetivas infelizes, eles não procuravam de fato entender o que acontecia, eles buscavam uma resposta para aquele problema específico que havia sido criado por eles mesmos, sem perceber a opressão de gênero sofrida pelas mulheres negras, que era reforçada por eles quando da sua deserção. Ao criticar as posturas das mulheres e dizer que a culpa destas ocorrências deve-se do feminismo, homens negros e não negros se eximem de sua responsabilidade e a

devolvem maciçamente para as mulheres negras e não negras, como se apenas delas dependesse as condições de manutenção de seus relacionamentos.

Estes olhares carregados de perversidade estimulam uma discussão a partir do erótico e tendem a dizer que é porque as mulheres negras querem “dar” a todo mundo, motivo delas estarem sozinhas, como se a elas não fosse permitido o direito de utilizar seus corpos como bem lhe convenha. Ao longo dos anos, a utilização do corpo e da busca feminina pelo prazer foi depreciada. Basta pensar na educação diferenciada dada ao menino e na liberdade que ele experimenta e, em contrapartida, a forma como a menina é conduzida de maneira vigiada e cheia de restrições - como ter uma idade certa para namorar, a proibição de tocar no próprio corpo e não explorar seus órgãos genitais, os tabus da masturbação - enquanto tal ato é vivido de forma pouco problemática entre os meninos, para meninas é pecado gravíssimo! -, a responsabilização feminina no tocante à contracepção e tantas outras responsabilidades destinada as mulheres. Audre Lorde (1984), na sua análise sobre o erótico, reforça esse raciocínio lembrando que a utilização do erótico pelos homens é uma forma recorrente para distorcer e dominar as mulheres negras:

Para se perpetuar, toda opressão deve corromper ou distorcer as fontes de poder inerentes à cultura das pessoas oprimidas, fontes das quais pode surgir a energia da mudança. No caso das mulheres, isso se traduziu na supressão do erótico como fonte de poder e informação em nossas vidas. (LORDE, 1984, p. 53)

Com isso verifica-se o grande desafio que é ser mulher e negra numa sociedade como a nossa e, sem medo de realizar generalizações, não é exagero afirmar que tal experiência desafiadora é vivenciada por mulheres negras em todo mundo: a cor da pele dita as formas como como somos tratadas. Associada a isso, vivemos as opressões de gênero, raça, classe, geracional, identidade sexual e religiosa de forma perversamente articulada e de tal maneira que é como se a nós negras/os nada fosse permitido e o que temos direito é o que determina a sociedade branca. Mesmo vivendo a opressão de gênero, a mulher branca experimenta o privilégio de oprimir a mulher negra e, em muitos momentos, até se arvora, não apenas em nos analisar, mas em falar por nós como se ela tivesse a possibilidade ou a vivência do que é ser negra num país como o nosso ou até mesmo numa cidade como Salvador, considerada um dos grandes “nós” da diáspora africana neste continente.

Entendo que a cooperação entre mulheres brancas e mulheres negras em muito ajudaria em todos os planos a nossa luta. Esta colaboração poderia se fazer presente, ao nos incluir nos seus estudos, a partir das nossas especificidades. Mas, muito ainda falta nestes estudos que contemplem a mulher negra, pois o privilégio de ser uma mulher branca no Brasil não pode ser esquecido aqui, uma vez que estas mulheres além de estarem em patamar financeiro muito superior às mulheres negras (e também aos homens negros), são elas também o alvo da preferência no tocante à afetividade masculina, tanto entre homens brancos quanto entre homens negros, a análise de Rufino sobre mulheres negras e brancas reforçam este lugar de subordinação destinado a mulheres negras e não são elas o alvo da preferências de negros e não negros, a objetificação das mulheres negras é utilizada para que os homens justifiquem suas preferências afetivas sexuais

Por outro lado, as produções feministas que se dispõem a abarcar a questão das mulheres negras, baseiam-se em discussões que partem sempre para um estudo geral sobre as mulheres, como se nós negras estivéssemos sempre contempladas com o conjunto dos saberes e escritos realizados pelas mulheres brancas. Portanto, para mudar essa situação, precisamos ter nossas produções literárias que não apenas denunciem a situação em que se encontra a mulher negra brasileira em todas as esferas da sociedade, mas também que nos empodere. Necessários se fazem estudos sobre mulheres negras, visto que temos, muitas vezes, que estudar pelas obras de fora do país onde estas não contemplam em sua totalidade os estudos que realizamos no Brasil, muito menos sua problemática, porém em muito nos ajudam a perceber que estes acontecimentos não são exclusivos para as negras brasileiras. Temos que alterar esse quadro, pois, se buscamos o feminismo não estamos nele retratadas de forma real.

Se as referidas produções literárias não contemplam de forma efetiva nossa discussão, não temos como traçar um paralelo real sobre o que é ser mulher branca e mulher negra, o olhar destinado a cada uma, suas vicissitudes. Por esta razão Patrícia Hill Collins (1990) fala de um conhecimento situado, onde a experiência de cada mulher negra possa ressignificar a história delas a partir da vivência de cada uma. Ela ressalta ainda que estas experiências compartilhadas entre mulheres negras possuem uma capacidade de empoderamento, levando-as a uma mudança da realidade por elas vivenciadas. É necessário alterar imediatamente as imagens estereotipadas, a objetificação e a hipersexualização das mulheres negras. As

produções sobre essa questão não dão conta de discutir este assunto e ainda continuamos alvo de homens brancos que insistem em nos ver como carne barata, muitas vezes nos comparando a seus objetos preferidos de consumo e os homens negros não se esquivam destes momentos, pois, eles também carregam nossa imagem com estereótipos.

Nessa direção, a mídia escrita, falada, o cinema e os comerciais de TV, exacerbam nossa imagem como se só nos fosse destinado a imagem de um corpo apetitoso, de globeleza como se nos informassem de que lhe cabe somente, o sambar nua na TV, porque disto você entende, mas, mantenha-se calada, não precisamos ouvir o que tem a falar e muitas vezes até este sambar vive a gradação de cor como foi denunciado na escolha da Globeleza no ano de 2014.

Quando autores como Frenette, Athayde, Bill e Rufino se encontram num olhar tão parecido de objetificação e hipersexualização das mulheres negras, entendemos que, mais uma vez, os privilégios de ser homem se apresentam neste momento carregados de significações. Homens que falam de épocas e lugares distintos se encontram no olhar perverso da hipersexualização e da objetificação. Em que estas falas e atitudes auxiliam a mulher negra? Tratar as boqueteiras do tráfico como são aqui retratadas, em que ajuda estas mulheres em uma mudança nas condições de suas vidas?

Desmontar estes discursos e estes olhares deve ser uma das formas de denunciar à sociedade que não queremos mais ser vistas como objeto de desejo de homens negros e não negros, precisamos viver a nossa sexualidade de forma completa e intensa sem nos submetermos aos desmandos e desejos masculinos, viver a nossa sexualidade por inteiro, aqui importando o corpo e a manutenção do prazer, durante muito tempo reprimido. É essa liberdade que passa a ser vivida pela mulher negra que assusta a homens negros e não negros, é essa capacidade de busca do seu prazer que amedronta e muitos tentam reprimir com palavras depreciativas e rejeições. Audre Lorde (1984) já enfatizava sobre a relevância estratégica do uso do erótico pelas mulheres negras ao afirmar que:

O erótico tem sido frequentemente difamado pelos homens, e usado contra as mulheres. Tem sido tomado como uma sensação confusa, trivial, psicótica e plastificada. É por isso que temos muitas vezes nos afastado da exploração e consideração do erótico como uma fonte de poder e informação, confundindo isso com seu oposto, o pornográfico. Mas a pornografia é uma negação direta do poder do erótico, uma vez que representa a supressão do sentimento verdadeiro. A pornografia enfatiza a

sensação sem sentimento. (LORDE, 1984, p.53)

Esta difamação é uma forma evidente de dominação e que, ao longo dos anos, fez com que as mulheres reprimissem seu direito a ter prazer e, ao buscar este prazer, agissem como se ele não lhe fosse permitido. Esta era forma dos homens manterem dentro de casa as mulheres e saírem para rua em busca de diversões que só a eles eram permitidas. Até os dias atuais ainda nos confrontamos com mulheres que desconhecem o seu direito a uma relação plena e completa por terem sido o tempo todo podadas em sua sexualidade e sua possibilidade de experimentar o prazer. Denunciar estas artimanhas masculinas é de vital importância, mas também precisamos entender que muitas vezes dentro da nossa casa, com nossas mães, tias e irmãs mais velhas vivenciamos a repreensão do nosso prazer. Precisamos fazer com que as mulheres negras e não negras entendam que a sua filha pequenina pode e deve tocar sua genitália e não ser repreendida por isto, para que não cresçam com a visão de que seu corpo é feio e sujo e não é merecedor de ter sensações completas.

No que tange a objetificação das mulheres negras e até as não negras está à comparação feita por Rufino e as posturas adotadas pelo rapper MV Bill, como denunciado anteriormente em seu mais recente clip e essa discussão já realizada até aqui: os olhares desses dois homens se encontram em épocas tão distintas, exatas duas décadas depois, onde poderíamos achar que os olhares evoluíram para algo que não fosse a objetificação, mas o respeito às mulheres, porém, muito pouco ou quase nada mudou, as mudanças, quando existem, só são evidenciadas nas posturas de algumas mulheres negras.

A obra de Rufino (1994, p.163), “Atrás do Muro da Noite”, em defesa da mobilidade social dos homens negros e dos casamentos inter-raciais como a materialização de um novo patamar de consumo, foi rebatida por diversas ativistas negras e analisada por Sueli Carneiro (1995) em seu texto, **Gênero, Raça e Ascensão Social** que desmontou o discurso desumano trazido pelo autor<sup>7</sup>. Nessa

---

<sup>7</sup> ... Joel Rufino afirmara em relação a mulher branca: “O negro sempre que pode prefere a branca porque ela é mais gostosa. Gostosa é uma categoria sexual socialmente construída, a pele clara e mais que a pele clara, o cabelo liso, prometem mais gozo que outros. A exaltação da beleza da mulher branca tem a mesma função justificadora neste caso da deserção de um determinado tipo de homem negro em relação ao seu grupo racial sendo a mulher branca como Joel afirma mais bonita e mais gostosa, este homem negro encontraria-se prisioneiro da sedução das formas brancas como os senhores de engenho seriam cativos da sexualidade transgressora de suas escravas. Mas, por outro lado ao definir a mulher branca também como um **objeto** de ostentação social Joel Rufino explicita o



obra, Rufino responde a uma pergunta que insistiam sempre em argui-lo: por que os negros que sobem na vida arranjam logo uma mulher branca e de preferência loira? O autor responde a esta pergunta no livro e ainda questiona porque loiras preferem negros, além de informar que as brancas são mais gostosas e cheiram bem, o autor reforça ainda que quem o viu com o fusca antes e agora com um Monza 4 portas entenderá que ele ascendeu e assim é como entendem que “quem prospera troca de carro” e é assim que entenderão. E ainda mais: não bastasse o absurdo dessa argumentação, nesse texto, ao falar da mulata, Rufino reforça a ideia de que ela é a mistura da branca gostosa com a negra fácil, aludindo mais uma vez que as mulheres são destinadas ao sexo e ao prazer para os homens brancos e não brancos.

São distintos lugares, diferentes épocas, porém com discursos tão iguais. Dois ativistas negros, um jornalista “sensível a questões raciais” em nosso país e o outro, um mestre na discussão racial, aquele a que chamamos no meio ativista de “Dinossauro” do movimento negro, e da causa negra, o Joel Rufino - como compreender o fato de que, tão nitidamente, se equiparam os discursos trazidos nas duas obras sobre mulheres negras e brancas, com falas tão atuais e tão próximas? Como podem se referirem às mulheres fazendo referência prioritária à partes do

---

objetivo fundamental do seu texto, reivindicar para este tipo de homem negro o mesmo estatuto de que desfruta o homem branco em nossa sociedade. Para este homem negro deixar de ser um pe-rapado e adquirir uma mulher branca, significaria libertar-se da condição social de negro e colocar-se em igualdade em relação ao homem branco. E por pretender-se neste lugar que Joel Rufino para sustentar suas bravatas permite-se olhar para as mulheres do alto de sua hipotética supremacia de macho e toma-las como Fuscas ou Monzas a sua disposição no mercado tal como um senhor de engenho considerava e usava brancas e negras...

Em primeiro lugar é verdadeiro que as mulheres negras são socialmente desvalorizadas em todos os níveis inclusive esteticamente, como é verdadeiro também que as mulheres brancas constituem o ideal estético feminino em nossa sociedade. Portanto neste sentido não estamos em desacordo com o Sr Joel Rufino e lhe reconhecemos conforme ele mesmo reivindica ao longo de seu artigo todo o direito de amar e venerar as mulheres brancas. Nós mulheres negras ou brancas não somos fiscais do tesão de ninguém temos outras prioridades políticas; o combate a todas as formas de discriminação e violência sofrida pelas mulheres em geral e pelas mulheres negras em particular. Por isso não lhe damos o direito de coisificar ou reificar as mulheres tratando-as a partir do mais grotesco chauvinismo como objetos de consumo ou ostentação. Meros adornos do *status* e poder de um homem.

A desqualificação estética da mulher negra e a suposta valorização estética da mulher branca classificadas respectivamente como Fuscas e Monzas longe de ser um artifício retorico através do qual como se esperava o autor iria desvelar criticamente a perversa logica machista e racista presente nas relações afetivas interetnicas e dentro do grupo negro contrariamente presta-se somente a ratificar de forma naturalista os preconceitos e estereótipos correntes no imaginário social a respeito das mulheres.

Porem a ratificação destes estereótipos objetiva fundamentalmente o ocultamento de uma ferida narcísica escondida em qualquer homem negro. Alguns diferentemente de Joel Rufino preferem reconhecê-la e enfrenta-la ao invés de escamoteá-la através do mito da ascensão social do homem negro. (P.546 – 547)

corpo que lhes privilegia com o gozo? De que ativismo estamos falando mesmo?

O sexismo evidenciado nas falas dos autores trazem como traço marcante a objetificação da mulher negra e também das não negras - comparadas por eles como símbolo de acesso à ascensão e poder. Estes ativistas negros podem até ser ícones na discussão racial, reconhecem a crueldade do racismo imposto ao povo negro, desenvolvem trabalhos sociais de resgate a/o jovem em vulnerabilidade social dentro e fora de suas comunidades, mas, no tocante à mulher negra, ao preconceito de gênero racializado, são tão excludentes quanto o racismo que tanto condenam.

E mesmo condenando o racismo, lutando contra todas as opressões para estes homens a dominação e opressão que exercem sobre as mulheres negras não é reconhecida por eles, muitos ativistas, homens negros desconhecem completamente que reproduzem posturas excludentes e ao serem confrontados por esta realidade negam completamente este lugar numa tentativa muitas vezes de leva-las a entender que tudo não passa de uma coincidência e que todos estão ocupando espaços de decisão, mas infelizmente a última palavra está sempre é direcionada por bocas masculinas que insistem em não reconhecer que vem tratando as mulheres negras sem considerar o que elas tem a dizer. Talvez este seja um dos motivos de nos últimos anos surgirem tantas organizações de mulheres negras com a iniciativa de dar voz e visibilidade a demandas de poder para o gênero feminino e de políticas públicas efetivas para a massa feminina negra.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O debate, apresentado neste trabalho, surgiu inicialmente de conversas e bate papos em rodas de amigas/os ativistas negras/os que muitas vezes ao ouvirem minhas falas, e estas serem classificadas como de feministas, me cobravam responder sobre as relações afetivas sexuais de militantes negros com mulheres negras também militantes da causa racial. Nestes momentos, percebia o quanto era importante para aquelas companheiras discorrer sobre aqueles acontecimentos definidos por elas como relações perversas e de pouco cuidado por parte dos homens negros.

Ao ser aprovada no vestibular 2009 e passar a fazer parte das turmas dos estudos em gênero e diversidade no ano de 2010, começava a perceber uma linha de trabalho a partir daquelas inquietações, que eram tanto minhas como de minhas companheiras. Recordava do texto de Bell Hooks, “Vivendo de Amor” e percebia a possibilidade de iniciar a partir dele minha discussão. Interrogada logo no primeiro dia de aula de que falaria na minha monografia, respondi de pronto a professora Silvia de Aquino: Mulheres Negras, ao que ela sorriu e disse ter pensado que seria exatamente sobre isso o que eu iria falar. Inicia-se minha busca por autoras e publicações que discorressem sobre o feminismo negro e me levassem a discutir as inquietações trazidas por minhas companheiras, mas que também, reforço, eram minhas e faziam parte da minha história.

Com a leitura de textos de Bell Hooks e outras escritoras e intelectuais negras, refinei meu olhar sobre a temática gênero, raça, classe social dentre outros marcadores sociais. Com a proximidade de finalização do curso e a possível construção de um projeto de monografia busquei muitas autoras que falavam de afetividade, mas sentia falta de uma literatura mais próxima dos meus questionamentos e sentimentos. Iniciei minha orientação com a Professora Márcia Macedo, a que me descortinou uma gama de possibilidades de leitura, as quais auxiliaram a construção deste trabalho.

Infelizmente, minhas limitações com o inglês e com a metodologia que desejava trabalhar me levaram a um trabalho que entendo ainda precisa muito para que atinja o que desejo, mas, tenho aqui a possibilidade de trazer para discussão parte do meu questionamento sobre a origem das rejeições sofridas pela mulher negra e, a partir de uma análise textual, denunciar os olhares de objetificação e

hipersexualização contidos nas obras escolhidas e analisadas.

O fato de não dominarmos a técnica da ADC limitou nosso trabalho, pois, nem eu, nem minha orientadora tínhamos o conhecimento necessário para análise aprofundada das obras, e também nos faltava tempo necessário para tal. Ao analisar os capítulos escolhidos das obras, pensamos em diversas metodologias como: representação social, análise de conteúdo e de discurso e misturamos tudo, criamos quadros, enquadrámos as metodologias e descobrimos que não era o que queríamos, optamos por fazer as discussões à proporção que avançava a escrita, numa tentativa de desmontar os discursos trazidos pelos autores. Esperamos ter alcançado o objetivo. Para me auxiliar na tentativa de desmontar esses discursos utilizei teóricas negras como Audre Lorde, Bell Hooks, Patrícia Hill Collins, Claudia Pons, Silvana Bispo, Sueli Carneiro dentre outras/os.

Na análise do livro “Preto e Branco: A importância da cor da pele” utilizei os capítulos 2 e 4, lembrando que o capítulo de maior interesse era o número 4, por ser o capítulo no qual o autor discorre sobre a experiência de um homem branco e sua “aventura” sexual com uma mulher negra. Mistura indigesta de racismo e sexismo, o capítulo tem passagens tão perversas sobre este encontro sexual que muitas vezes preferi suprimir as referências completas a ele, mas, não posso deixar de citar a barbaridade do autor em comparar o ato sexual com uma mulher negra como praticar zoofilia, comparar o ato como “a sagração do Buana sobre a mulher negra” e seguem-se por todo o capítulo falas e mais falas que transformam a mulher negra em um simples objeto de desejo, hipersexualizando seu corpo, reforçando a dominação e opressão vivida por diferentes gerações de mulheres negras ao longo dos anos.

Percebam que esta obra de Frenette, originariamente, tem o objetivo de discutir a problemática racial no país. No final da obra, o autor relata que os textos, na sua grande maioria, são reproduções que ele utiliza para discutir o tema, porém, quando chegamos às suas considerações percebemos discursos carregados dos mesmos conceitos racistas e sexistas dos autores por ele copiados. Em dado momento, sua obra até se permite criticar os termos chamados de politicamente corretos trazidos pelos movimentos sociais e pelo movimento negro, a exemplo de “pretos” e afirma que os pretos não possuem amor próprio.

Para as pessoas que leram o livro, o grande público que acredito que o autor desejava atingir, sua obra é “uma bomba” na discussão. Seria muito interessante e

proveitoso, se este autor tivesse continuado a discorrer sobre golfe, cinema e arte como era sua função anterior, seria de mais valia, porém, como não posso desqualificar sua obra, só me resta dizer que, pelo menos, ocorreu a tentativa de uma discussão racial - a partir da sua visão eurocêntrica, machista, branca - mas, seu privilégio de homem branco não o qualifica para iniciar uma discussão de um tema cujos principais traços parecem ser o estranhamento e a exterioridade.

Quanto à análise da segunda obra “Falcão - Mulheres e o tráfico”, utilizei os capítulos 4 e 7. Assim como foi feito com o primeiro livro, me detive a analisar mais minuciosamente o capítulo 7, “A boqueteira”. Ambientado totalmente em favelas do país, Bill e Athayde circularam por vários locais realizando entrevistas sobre o submundo do tráfico e a cooptação das/os jovens ao mundo da criminalidade. Tendo sido escrito por dois ativistas negros, esperava-se, logicamente, que os mesmos não se utilizassem de falas racialistas em suas obras. Infelizmente isso não acontece. Athayde e Bill fazem falas carregadas de preconceitos e, ao serem confrontados com um jovem branco na penitenciária, o autor fala da sua surpresa diante da situação e afirma não conseguir enxergar naturalmente a presença de um branco atrás das grades, uma vez que eles não têm a cara da penitenciária, “prisões são locais naturais de negros”. Mesmo com sua consciência racial e trabalho social, a naturalização do racismo é explicitada na postura conformista dos autores e mesmo tentando desconstruir o racismo a que somos submetidos todos os dias, se sentem surpresos e porque não dizer apiedados do rapaz branco que se encontrava preso, ratificando a lógica racista já exposta acima sobre os negros e as prisões.

Os autores falam de lugares que conhecem bem, em certo momento da leitura é possível ver um misto de arrependimento ou consciência dos autores sobre suas falas quando relaciona drogas, povo negro e prisão e diz,

“(...) no meu subconsciente, os boys tinham o direito de se maconhar, e os pobres não. As drogas não tinham o mesmo significado, dependendo da origem de quem estava usando. Mas, graças a Deus, eu me livre disso. Será, Sei não (...). De toda maneira, vou continuar tentando me desvencilhar desses sentimentos e fantasmas que fodem meu povo e que me fodem também (...)” (ATHAYDE; BILL, 2007, p.88).

Em sua entrevista sobre “as boqueteiras do tráfico”, o escritor trata a jovem Eva e sua atividade com desprezo, discorre sobre a falta da família, acrescenta que as mães não estão criando suas filhas/filhos e daí a ocorrência da criminalidade, responsabilizando a mulher pela educação das/os filhas/os, como se só a elas fosse

exigido cuidados de educação das crianças, numa tentativa de justificar a atividade de Eva como “Boqueteira”. Durante o contato para entrevistar Eva, Athayde conhece a empresária da jovem profissional de sexo oral e faz alusões às vestes da moça numa justificativa sexista de que a forma como a adolescente se veste e seu belo corpo seriam atenuantes suficientes para uma possível prática de pedofilia. Aludindo que aquelas roupas e o corpo deveriam constar nos autos de um processo de pedofilia para que assim diminuíssem da pena dele ou de outro homem que, porventura, viesse a tentar seduzi-las ou até mesmo estuprá-las com base na roupa que vestem. Verifica-se que para este ativista o estupro acontece porque mulheres o provocam através de roupas que usam.

Para homens negros como Athayde e Bill, ambos em franca ascensão social, é muito comum ouvirmos estas falas e posicionamentos como se a todas/os fossem dadas as mesmas oportunidades. Torna-se de fundamental importância para a construção de uma consciência negra e de uma sensibilidade política de gênero que o homem negro entenda ser a opressão vivida por negras/os um fator que nos coloca num lugar de dominação e desvantagem que mesmo sendo o rapper, um dos escritores mais lidos do país, permanecemos no mesmo lugar devido à cor de nossa pele e, se não avançamos não é por nossa vontade, mas porque vivemos numa sociedade que vê como problema está em nós: na cor da pele, no nosso sexo, na nossa classe, na sexualidade e na religiosidade vividas por homens e mulheres negras e negros.

Ler as obras de autores tão distintos me levou a experimentar momentos muito interessantes que passaram por sentimentos conflitantes como a decepção - como é o caso de Bill e Athayde - e a intensa repulsa - como aconteceu com Frenette. Observava durante essas análises as possibilidades de continuação deste trabalho, pude perceber que este não foi analisado com a minúcia merecida e demandada pela opção metodológica. Quem sabe em próximo trabalho e mais segura tanto da técnica, quanto de uma possível pesquisa, a proposta inicial de discutir a afetividade entre ativistas do movimento negro e suas relações pouco afetivas e descuidadas com suas companheiras possa se tornar uma realidade? Aprofundar e utilizar a metodologia ADC em outros trabalhos é outra demanda a qual não posso deixar de lado, pois essa metodologia me encanta e considero que neste trabalho ela não foi utilizada a contento. Reconheço a minha ousadia e pretensão em trabalhar a análise de duas obras literárias em tão curto espaço de tempo.

Outro tema a explorar e que pode vir a ser uma linha de estudos seria a pesquisa sobre a participação de jovens negras no submundo, os diversos motivos que as levam a este envolvimento e a permanência no narcotráfico, a partir de um olhar feminista negro. Durante a leitura da obra de Athayde e Bill (2007) percebemos que as razões são muitas e merecem uma análise mais aprofundada, pois como afirma muito bem Collins (1990), o estudo dessas histórias é capaz de diminuir as consequências da dominação e da opressão vivida pelo povo negro.

Enfim, considero o estudo sobre mulheres negras e suas afetividades como perfeitamente viável, embora tenha percebido que na academia ao pensarmos uma pesquisa, um estudo sobre o tema há o risco de sermos julgadas como quem quer falar de si, ou ressentida e outras denominações as quais não são importantes trazerem agora. Essas relações não são uma prioridade de mulheres adultas que começam a envelhecer, estas experiências são vivenciadas também por mulheres negras jovens, haja vista que os jovens negros da nova safra de ativistas se espelham em seus mentores, não somente na objetificação e hipersexualização das mulheres negras, mas também a acreditar que as brancas são melhores ou sabe-se lá como os jovens negros vem enxergando as mulheres negras, percebe-se as relações serem reproduzidas e legitimadas por eles. Se estes jovens aprendem e apreendem as mesmas estereotípias dos velhos ativistas e se utilizam das mesmas práticas, elas, as mulheres negras jovens, precisam ter um discurso atualizado e pronto para tratar com eles de todas as formas possíveis de dominação e opressão de seus corpos e suas mentes, quem sabe venham a construir falas empoderadas que consigam levá-los a entender a necessidade de se dar um tratamento respeitoso à mulher, seja ela negra ou não negra.

Era a partir desses olhares que pretendíamos discutir, da percepção de uma ativista negra falar da objetificação da mulher e esperamos ter cumprido a tarefa. Como disse, o olhar da ativista negra me colocava num lugar de discussão do qual não poderia abrir mão, precisava iniciar um trabalho onde tivesse a oportunidade de visibilizar estes momentos. O meu interesse pelos estudos de gênero me levou a este curso no NEIM; muitas companheiras haviam passado pelo Núcleo e abandonado, falavam de docentes que foram racistas com elas e etc. Tudo aquilo aguçava minha curiosidade e, daí, parti para a matrícula no curso. Neste interim fui interrogada por um militante negro, da SEPPIR se gênero daria conta do quesito raça. Respondi que depois eu lhe daria a resposta, e de verdade na época eu não responderia àquela pergunta como faço nos dias atuais.

Hoje, com a formação acadêmica adquirida no NEIM tenho a resposta para meu dileto amigo. Não, gênero não dá conta da questão racial, assim como raça não deu conta das minhas questões de gênero, as opressões vividas por nós mulheres negras dentro das diversas instituições e fora delas comprovam o que já citei acima: homens negros vivem vantagens pelo gênero que não lhe são permitidas pela sua raça, são opressores das mulheres negras. A mesma mulher branca que é oprimida por seu gênero é opressora na questão racial. Para a mulher negra a opressão vem de vários lugares de raça, de gênero, de classe social e foi necessário estudar a teoria trazida pelas históricas feministas, conhecer Joan Scott, Heleieth Saffioti, Shulamith Firestone e tantas outras que, ao ler, percebia a necessidade de conhecer mais e mais sobre um campo de estudos que pudesse responder às minhas questões enquanto mulher negra.

Admirava o trabalho destas mulheres e me encantava ao conhecer algumas no próprio NEIM como a professora Alda Mota e Ana Alice Costa, além da professora Ivya Alves, estudiosa da técnica ADC e me surpreendia naquele primeiro semestre ser discente da Profa. Marcia Macedo, de Silvia de Aquino a quem sobre esta, todas diziam ser “uma fofa” e conhecer muito sobre violência, Iole Vanin onde faziam questão de lembrar que era historiadora igual a mim. Refinei meu olhar nas diversas linguagens e do não lugar de pessoas negras e negros na sociedade com a professora Caroline Barreto. Foi dessa forma que entendi estar no lugar certo e na hora certa, mesmo entendendo que no Núcleo a discussão racial era pouco consistente. Meus trabalhos de conclusão de unidade e semestre sempre que eram solicitados conferia-lhes um recorte onde poderia trabalhar com raça, nas apresentações onde podia escolher meu tema sempre eram as instituições negras analisadas por mim e fazia minhas apresentações com a esperança de contribuir com aquelas/es que lá estavam. Sempre tive a atenção total dos meus colegas e o respeito dos mesmos por trazer sempre a questão racial, aliás, como eu pontuava todo tempo em sala de aula: fala de mim quem sente o que sinto e, nestes momentos, a professora Sonia Wright sempre me permitiu apresentar as instituições que eu escolhia.

Ao reivindicar no NEIM a leitura de feministas negras, descobri que a profa. Márcia Macêdo estudava o Feminismo Negro. Ao construir meu projeto de monografia sofri críticas pesadas sobre o meu trabalho e até a desqualificação do mesmo, me mantive firme e convidei a Profa. Márcia para me auxiliar ao que recebi uma resposta afirmativa, começava a minha caminhada e a minha descoberta,



aquela mulher entendia o que queria e conhecia os textos que me ajudaram a responder às minhas inquietações e dividir a experiência com minhas irmãs negras, algumas vezes sai da orientação e chorei no caminho para minha casa.

Hoje, com a experiência adquirida no NEIM e a vivência de militante me encontro neste lugar de discussão e como aprendi lendo as feministas negras norte-americanas, observo que precisamos redefinir cada vez mais as diferenças, ressignificar nossos discursos e trazer experiências de mulheres negras para o debate - a escritora Audre Lorde (1984) na década de 80 já falava do redefinir diferenças e de como nossa história de mulher negra fica de fora dos cursos que pautam as mulheres como temática principal:

Ainda que a questão seja muito complexa, acredito que um dos motivos da grande dificuldade que, para as mulheres brancas, incluem a leitura de obras de mulheres Negras, é que as mulheres brancas se recusam a nos ver como mulheres, e nos veem como diferentes. A análise da literatura das mulheres Negras requer, com efeito, que nos vejam como um grupo com todas as nossas complexidades - como indivíduos, como mulheres, como seres humanos -, requer substituir pela verdadeira imagem das mulheres Negras os estereótipos problemáticos, porém familiares que convivem na mesma sociedade. (LORDE, 1984, p.117)

Produções literárias de mulheres negras que deem conta de contar a história das mulheres como mães, chefes de família, acadêmicas, ativistas de muito ajudariam a outras mulheres perceber a importância de respeitar a história de vida de todas as mulheres negras a partir da vivência de cada uma. Patrícia Hill Collins (1990, p.222) explica que se visibilizarmos as relações de dominação vividas pelas mulheres negras dentro de um contexto sócio histórico como acontecem a partir de marcadores de raça, classe e gênero e ampliando o debate em vez de apontar apenas diferenças e semelhanças seria de maior valia para entender como se interconectam estas relações de opressão.

Esta é a chave que esperava, ao discutir sobre as interconexões entre racismo e sexismo, tentei trazer as discussões que muitas ativistas negras insistem em não fazer, as leituras de feministas negras como Patrícia Hill Collins, Audre Lorde, Bell Hooks, me chegavam plenas de significações, essas mulheres negras, norte americanas, falavam do mesmo lugar que se encontravam as negras brasileiras, viviam as dores e entendiam prontamente do meu objeto de estudo, suas palavras me enchiam de emoção, percebia ali que as dores vividas pelas mulheres negras brasileiras eram comuns também a aquelas mulheres negras norte-americanas. Durante as minhas observações percebia o local de fala delas, mas

ainda assim estas falas não contemplavam totalmente o meu estudo, entendia que quando estas mulheres estavam aqui na América do Sul elas vivenciavam também privilégios que não nos eram permitidos enquanto negras sul americanas, percebia o tratamento diferenciado dispensados às mulheres negras norte- americanas por homens negros, brancos, acadêmicos ou não, ativistas ou não. Mas, enxerguei também que o olhar da objetificação permanecia em todos eles, elas faziam parte das preferências agora, mas a visão continuava estereotipada e sexista.

Os cinco anos de estudos vividos no referido Núcleo, me mostravam que podia ser a ativista e a feminista negra que sabia querer ser, mas ainda não tinha descoberto como dar voz a ela. Ao ponto que aquelas leituras chegavam fundo em mim, me davam agora a possibilidade de responder se o marcador gênero dava conta de raça, acredito que responderei a meu amigo agora, não só esta, mas tenho como responder ainda que timidamente a outras questões que me calaram durante muito tempo. Foi possível aqui provar que, mesmo os homens que pautavam a discussão racial rejeitam, objetificam e enxergam a mulher negra apenas e, a partir da estética dos seus corpos, uma visão a qual não queremos ver enaltecida, uma vez que desejamos ser reconhecidas pela nossa capacidade intelectual, produções acadêmicas, perfil profissional.

Tive a honra e me permitir dizer àquelas mulheres negras acadêmicas que elas me representavam e a aquelas que não tive a oportunidade de agradecer, agradeço com este trabalho o qual dedico a todas as mulheres que como eu conhece e reconhece seu local de fala e posso dizer a uma professora do meu Núcleo que o meu trabalho não quer falar de mim ou de minhas dores, apenas, meu trabalho fala das dores de diversas mulheres negras espalhadas por este mundo afora e parafraseando Patrícia Hill Collins posso dizer que experiências vividas por mulheres comuns, como esta pesquisadora e trazidas para discussão podem ser empoderadoras para outras mulheres negras.

Muito sofrido foi a correção e conclusão deste trabalho, que aguardou por muitos meses para ser apresentado, muitas perdas me aconteceram e muito protelei, mas hoje ele se encontra aqui e o ofereço a uma mulher negra, que me deixou durante a escrita deste trabalho e que nada mais foi do que vítima desta objetificação e perversidade masculina. A minha irmã Isabel que fez a sua passagem em junho de 2014, com amor da sua irmã. “Experiências de mulheres negras comuns são empoderadoras”. (COLLINS, 1990)

## REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Celso; BILL, MV. **Falcão: mulheres e o tráfico**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p.458 - 463, 1995. Semestral. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034>>. Acesso em: 20 set. 2014.

BARBOSA, Wilson do Nascimento; SANTOS, Joel Rufino dos. **Atrás do Muro da Noite: dinâmica das Culturas afro brasileiras**. 1 ed. Brasília: Ministério da Cultura: Fundação Cultural Palmares, 1994.

BARRETO, Leticia Cardoso. **Prostituição, Gênero e Sexualidade**: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte. 2008. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social-UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

BISPO, Silvana Santos. **Feminismos em debate**: Reflexões sobre a organização do movimento de mulheres negras em Salvador. 2011. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo-UFBA - FFCH, Salvador, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6302/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20final.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

CARDOSO, Claudia Pons. História das mulheres negras e pensamento feminista negro: algumas reflexões. In: FAZENDO GÊNERO, CORPO, VIOLÊNCIA E PODER. 8, 2008, Florianópolis. UFSC, 2008.p. 1-7 Disponível em: <[www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Claudia\\_Pons\\_Cardoso\\_69.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST69/Claudia_Pons_Cardoso_69.pdf)>. Acesso em: 4 dez. 2013.

CARDOSO, Claudia Pons. **Outras Falas**: Feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. 2012. Tese (Doutorado)-Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo-UFBA - FFCH, Salvador, 2012.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: SOCIAIS, Ashoka Empreendimentos CIDADANIA, Takano (Org). **Racismos Contemporâneos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 49-58.

CARNEIRO, Sueli. Gênero e Raça. In: BRUSCHINI, Cristina. UNBEHAUM, Sandra G. **Gênero, democracia e Sociedade Brasileira**. 1 ed. São Paulo: 34, 2002. p. 169-193.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. **Revista Estudos Feminista**. Florianópolis; v. 2, n. 3, jul. 1995. P. 544 – 552. Disponível em: <<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/10112009-125731carneiro2>>. Acesso em: 23 mar. 2013.

CARNEIRO, Sueli. Ideologia Tortuosa. In: CIDADANIA, Ashoka Empreendedores Sociais e Takano. (Org) **Racismos Contemporâneos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 117-122.

COLLINS, Patricia Hill. Matrix Of Domination. In: **Black feminist Thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. 2 ed. Boston: Unwin Hyman, 1990. p. 221-238. Disponível em: <<http://www.scrib.com/doc/26342147/Matrix-of-Domination>>. Acesso em: 23 nov. 2013

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**. Los Angeles; v. 10, n. 1, p. 171-187, 2002.

DAVENPORT, Doris. Black lesbians in academia: visible invisibility. In: ZIMMERMAN, Bonnie. MCNARON, Toni A. H. **The new lesbian studies: Into the twenty-first century**. 1 ed. New York: The Feminist Press, 1996. p. 9-11.

FIGUEIREDO, Ângela. "Cabelo, cabeleira, cabeluda, descabelada": Identidade, Consumo, e manipulação da Aparência entre os Negros Brasileiros. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIENTIAS SOCIAIS. XXVI, 2002, Caxambu. Anpocs, 2002. Disponível em: <[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=451%3Aanais-do-encontro-gt&catid=1045%3A26o-encontro&Itemid=317](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=451%3Aanais-do-encontro-gt&catid=1045%3A26o-encontro&Itemid=317)>. Acesso em: 21 jul. 2014.

FRENETTE, Marco. **Preto e Branco: A importância da cor da pele**. 1 ed. São Paulo: Publisher, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48 ed. São Paulo: Global, 2003.

FRIEDAN, Betty. **Mística Feminista**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GONZALEZ, Lélia. A juventude Negra Brasileira e a Questão do Desemprego. In: ANNUAL MEETING OF AFRICAN HERITAGE STUDIES ASSOCIATION. 2. Pittsburg. UFRJ, 1979. p. 1- 4 Disponível em: <[https://banhodeassento.files.wordpress.com/2011/11/juvent\\_negra\\_e\\_desemprego.pdf](https://banhodeassento.files.wordpress.com/2011/11/juvent_negra_e_desemprego.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2014.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. In: ENCONTRO NACIONAL DA LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION. 8. Pittsburg. PUC, 1979<sup>b</sup>. Disponível em: <[https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura\\_etnicidade\\_e\\_trabalho.pdf](https://coletivomariasbaderna.files.wordpress.com/2012/09/cultura_etnicidade_e_trabalho.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2014.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. **Ciências Sociais Hoje, Anpocs**. Brasília; n. 2, p. 223-243, 1984.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e Antirracismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

HOOKS, Bell. **Alisando nossos Cabelos**. Disponível em: <[http://www.criola.org.br/mais/bell\\_hooks\\_-\\_Alisando\\_nosso\\_cabelo.pdf](http://www.criola.org.br/mais/bell_hooks_-_Alisando_nosso_cabelo.pdf)>. Acesso em: 13 nov. 2013.

HOOKS, Bell. Vivendo de Amor. In: WERNECK, Jurema\_MENDONÇA, Maisa\_WHITE, Evelyn C.\_\_. **O Livro da Saúde das Mulheres Negras Nossos Passos Vêm de Longe**. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2006. p. 188-198.

JAGGAR, Alisson M.. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In: BORDO, Susan R.. **Gênero, Corpo, conhecimento**. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos. 1997. p. 157- 185.

LOPES, Vera Neusa. Racismo, Preconceito e Discriminação: procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 185-200.

LORDE, Audre. Use Of the erotic: The erotic as power. Tradução: Tatiana Nascimento In: **Sister Outsider: essays and speeches**. 1 ed. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53 – 59

LORDE, Audre. The Master's Tools Will Never Dismante the Master's House. Tradução: Tatiana Nascimento In: **Sister Outsider: essays and speeches**. 1 ed. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 110-113

LORDE, Audre. Age, race, class and sex: women redefinig difference. Tradução: Tatiana Nascimento In: **Sister Outsider: essays and speeches**. 1 ed. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 114-123.

MACHADO, Lia Zanotta. **Feminismo em movimento**. 2 ed. São Paulo: Francis, 2010.

MOREIRA, Diva. SOBRINHO, Adalberto Batista. Casamentos Inter-Raciais: O homem negro e a rejeição da mulher negra. In: COSTA, Albertina de Oliveira. AMADO, Tina. **Alternativas Escassas: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina**. 1 ed. São Paulo: 34 : FCC, 1994. p. 81-108.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RUFINO, Alzira. Configurações em preto e branco. In: Cidadania, Ashoka Empreendedores Sociais e Takano (Org). **Racismos Contemporâneos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 29-38.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão. **Psicologia Política**. São Paulo; v. 10, n. 19, p. 41-55. 2010.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2013 - Homicídios e Juventude no Brasil**. 1 ed. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, 2013.